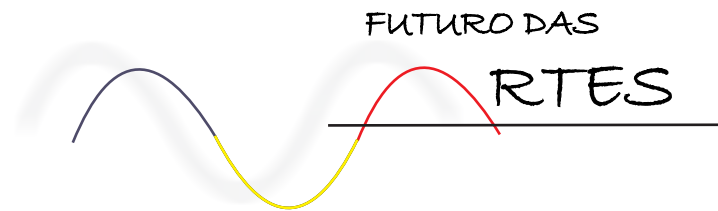


UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO



Aluna: Nekita Monteiro Farias
Orientador: Paulo Costa Neto

Fortaleza, Outubro de 2012

AO PINTOR NOGUEIRA

Nogueira, esta sua arte
Eu vejo de minha parte
Que um grande segredo encerra
Pois você pinta com tinta
A mesma forma distinta
Das coisas de nossa terra

Meu bom e prezado artista
Logo da primeira vista
Podemos observar
Que cada quadro revela
Uma bonita parcela
Da cultura popular

Neste sentido que falo
Quero parabenizá-lo
Pela sua vocação
De conservar o folclore
Para que nunca descore
As cores da tradição

Patativa do Assaré





Depois de muita batalha, finalmente cheguei ao fim. Não poderia deixar de agradecer a quem participou desse longo processo de formação, que se iniciou desde o primeiro dia de aula.

Obrigada primeiramente a Deus, que guiou meus caminhos até aqui.

Aos queridos professores Alexia, Zilsa, Aristides, Renato Pequeno, Paulo Cunha, e em especial ao meu orientador Paulo Costa, que em meio a tantos compromissos importantes, aceitou, com paciência e dedicação, o desafio de me ajudar no trabalho mais importante da faculdade.

Aos funcionários Fatinha, Eduardo, Seu Lauro, Seu Zé Augusto, e Seu Nogueira, que, embora tenha nos deixado cedo demais, foi eternizado por sua linda arte.

Aos meus amigos de sala, com quem, ainda que nos momentos de máxima exaustão, encontrei motivos para boas risadas. Nesse grupo, não poderia deixar de destacar Karoline Cordeiro, minha grande amiga, com quem compartilhei muitos momentos, e cuja ajuda foi indispensável para a realização desse sonho.

Ao meu namorado Aluizio, que entendeu a minha ausência nos últimos meses, me deu forças nos momentos nos quais mais precisei, e, embora não entenda muito do assunto, ouvia pacientemente cada explicação acerca do projeto, e no fim, soltava sempre algum comentário de incentivo: «Já tá lindo, entrega logo!»

Aos meus pais, companheiros desde sempre e fontes inesgotáveis de amor. Pelos exemplos de honestidade e força de vontade, pela paciência, pelos lanchinhos no quarto, pelas massagens e pelas frases de :»Vai dar certo!«.

Se cheguei onde cheguei, foi pelo amor, carinho e ensinamentos que me foram dados por todos vocês.

Muito obrigada!



índice

07

1.INTRODUÇÃO

08 introdução ao projeto
09 introdução ao tema/objetivos

10

2.AARTE

11 a democratização da arte
12 a teoria do fim da arte
15 espacialização das escolas de arte em fortaleza
20 investimentos nacionais em cultura

21

3.ESTUDOS DE CASO

22 centro cultural luz
25 centro cultural gabriela mistral

27

4.A PRAIA DO FUTURO

28 histórico
29 situação atual
30 projetos de requalificação
35 legislação
36 o terreno e seu entorno

38

5.MEMORIAL DESCRITIVO

39 o projeto
40 o programa
42 espacialização do programa
44 forma e estrutura
45 projeto acústico da escola
47 projeto acústico do teatro
52 perspectivas

63

6.CONCLUSÃO

64

7.BIBLIOGRAFIA



1-introdução

«Torna-se difícil imaginar a transformação da sociedade por meio da cultura se ela não chega ao conjunto da população»

Leonardo Brant

O trabalho apresentado desenvolve a proposta de uma escola de artes na Praia do Futuro, em Fortaleza. O programa compõe-se basicamente por salas de aula de música, dança, artes cênicas e plásticas, além de teatro, anfiteatro, auditório e administração. As idéias que fundamentaram o projeto foram a interação total entre alunos, professores e público, a visibilidade entre o exterior e interior do edifício e a fluidez dos trajetos percorridos no terreno. As três convergem em um só objetivo: estabelecer um espaço democrático de produção e compartilhamento de arte.

A Praia do Futuro foi considerada como espaço ideal para a consolidação dessa idéia, pois, além de apresentar potenciais paisagístico e turístico, é habitada por diversas classes sociais, que consolidarão um ambiente escolar heterogêneo e livre de preconceitos.

A escolha do tema deve-se primordialmente ao meu contato com artes desde os três anos de idade, quando aprendi a tocar violino; aos 10 anos, quando iniciei aulas de dança e aos 18 anos, ao ingressar na multidisciplinar faculdade de arquitetura. O interesse por discutir os efeitos da tendência da democratização da arte, tema bastante polêmico na atualidade, também influenciou a escolha, além da insuficiência de espaços de estudos, compartilhamentos e apresentações>>

>> de manifestações artísticas em nossa cidade, o que acarreta em desvalorização e desconhecimento da produção cultural regional por parte dos habitantes locais e turistas.

A estrutura do trabalho é formada por revisão bibliográfica acerca do tema arte, onde são explicadas questões que influenciaram diretamente o processo projetual; por dois estudos de caso que apresentam programas e objetivos similares aos da Escola Futuro das Artes; pelo diagnóstico da Praia do Futuro, sobretudo do entorno do terreno, e, por fim, pelo memorial descritivo, conclusão e bibliografia.

1.1- introdução ao projeto



A Arte

O homem cria a arte para comunicar sua concepção de mundo a partir da sua imaginação. A partir dela transmitem-se idéias, emoções, costumes e crenças através dos tempos. Produzir arte é estar em total harmonia com a própria personalidade, intelecto e espiritualidade; desenvolver senso crítico sobre ela é desvendar subconscientes e entender diferentes contextos e pontos de vista. É uma atividade, portanto, que engrandece ambas as partes envolvidas.

O professor britânico Ken Robinson e o físico Albert Einstein defendem que a imaginação é mais importante que o conhecimento. O primeiro vai mais além ao afirmar que tal característica assegura a própria sobrevivência do ser humano: com o risco de escassez de recursos naturais, por exemplo, sobreviverão os mais criativos, e não os mais fortes ou inteligentes. Por essa razão, tal característica deve ser estimulada no ser humano desde a infância.

Dada a importância do desenvolvimento da imaginação através de habilidades artísticas, cabe avaliar como esse exercício tem sido feito atualmente. Para muitos críticos, a produção artística tem sofrido graves problemas, pois encontra-se imersa em uma atmosfera de intensa abstração, irreverência e variedade de estilos.

Muitas obras são concebidas, mas o valor semântico e a qualidade artesanal delas têm sido cada vez mais questionados. É importante ressaltar que, embora a discussão tenha sido desenvolvida no campo das artes plásticas, essa tendência acompanha também as demais modalidades.

A produção gratuita e irresponsável de arte deve-se à ausência de imaginação, preparo e conhecimento daquele que a produz, e à incapacidade crítica do público. Escolas de arte, portanto, tem papel fundamental no sentido de minimizar os efeitos negativos dessa tendência, através principalmente da excelência do ensino teórico e da divulgação de obras de qualidade para a comunidade.

Objetivos

- Proporcionar ensino de qualidade através de um ambiente rico em **diversidade social**;
- Promover um espaço **livre de preconceitos**;
- **Divulgar a cultura** artística cearense aos alunos e visitantes da escola;
- Propor **novo espaço urbano** para a comunidade;
- Desenvolver **programas sociais**, como o estímulo da leitura através da abertura da biblioteca a todos;
- Oferecer novas **opções de lazer** aos moradores do bairro e ao público da Praia do Futuro.

1.2- introdução ao tema/objetivos





2- aarte

«Temos a arte para não morrermos da verdade»

Friedrich Nietzsche

No período pré-histórico, a arte não estava ligada ao conceito aceito modernamente. Gravuras rupestres, estatuetas, pinturas e desenhos eram utilizados como meio direto de comunicação, e se confundiam com outros aspectos da vida social, como religião, economia e política. Nada era puramente utilitário, os humanos tinham a tendência de encontrar significado e expressar idéias através dos objetos.

A arte divorciada dos demais aspectos da vida social ganhou autonomia quando surgiram as classes, castas e o próprio Estado. Apareceu o líder para atuar como político, o camponês para movimentar a economia, o sacerdote para lidar com a religião. Com as definições dos papéis do homem na sociedade, surgiram os primeiros artesãos, que ainda não podiam ser considerados artistas, como vistos hodiernamente, eis que o produto de sua arte era destinado ao comércio em razoável escala, havendo, ainda, uma íntima ligação com a economia.

A partir do renascimento, alguns nobres passaram a sustentar artesãos para produzir apenas para o próprio entretenimento. Foi aí que surgiu a arte abstrata. Nasceu para atender aos anseios de uma elite social e por muito tempo permaneceu destinada apenas a esta finalidade.

A arte não circulava em meio às camadas menos favorecidas.

Estas não tinham espaço para pensar em outra coisa senão preservar a própria subsistência. A pintura estava sempre relacionada com a religião e o clero, conseqüentemente, com a nobreza, com Giotto, por exemplo, e Leonardo da Vinci, já na Alta Renascença. Com Michelangelo houve a mescla da pintura com a filosofia, também inacessível aos estamentos mais baixos da sociedade.

Na escultura, um dos grandes ícones foi o próprio Michelangelo, que trabalhou para os papas, e também para os Médici, uma importante dinastia política italiana, que chegou ao status de uma casa real, sendo líderes hereditários do Grão-Ducado de Florença e do Grão-Ducado da Toscana.

Chegando ao final do século XVI, início do século XVII, o teatro experimentou o auge da carreira de Shakespeare, que produziu a maioria de suas peças pela companhia de teatro Lord Chamberlain's Men, assim nomeada em homenagem a Henry Carey, 1º Barão Hudson, então Lord Chamberlain, Comandante do Departamento de Entretenimento da Inglaterra à época, o que denota a influência dos nobres nesse ramo artístico.

Com o iluminismo, quando o domínio da razão passou a prevalecer sobre a visão religiosa da vida, o Maneirismo se mostra como um movimento artístico das elites, em que a produção artística, embora não somente destinada aos nobres e ao clero, serviam ao desfrute particular dos mais cultos e abastados.

Certo também é que, com a Revolução Francesa, de forma ainda tímida, sugeriram algumas manifestações de arte popular e parcela da burguesia passou a cultivar a arte.

A revolução industrial veio a promover uma revolução também na história das artes. O construtivismo russo, por exemplo, negava a “arte pura”, pregando que arte não se divorciava dos demais aspectos da vida humana. A arte adquire características próprias, perseguindo o ideal de abstração. Enfatiza-se mais o espaço vazio do que a massa. Valoriza-se o objeto em que a arte é representada tanto ou mais que a própria representação. Na pintura, o objeto “tela”. Na escultura, os materiais empregados.

Essa valorização de materiais e objetos denota um fascínio pelo produto industrial. Surge uma nova classe social assalariada, o operariado e novo “artista”. Com a valorização do objeto industrial, o objeto artesanal acabou desvalorizado, ocasionando um abalo estrutural no conceito de arte até então solidificado. Nesse cenário, a arte se massifica, e surge a teoria do “fim da arte”.

2.1- democratização da arte



Atualmente, é comum ouvir frases do tipo: “tudo é arte”, não apenas por leigos, mas também por estudiosos no assunto. Esse fato deve-se à pluralidade de estilos, materiais, e meios de propagação em que os artistas e a produção estão inseridos. A tecnologia, os conceitos de sustentabilidade e a maior liberdade de expressão que desfrutamos hoje em dia são alguns dos fatores que incentivam cada vez mais as experimentações artísticas.

Chegamos a um momento em que tudo é permitido e não é necessário talento nem treino para se receber o título de artista, e tampouco é necessário visitar um museu para se estar em contato com manifestações artísticas. O que pode ser considerado democratização da arte, para alguns teóricos, porém, é visto radicalmente como o fim desta. Lançada pelo filósofo alemão Friedrich Hegel, a teoria do fim da arte é defendida pelos que se opõem à situação de extrema heterogeneidade e tolerância em que se encontra a arte do período atual.

A teoria de que “a arte, considerada em sua vocação mais elevada, é e permanece para nós coisa do passado” (HEGEL apud DANTO, 2006), data da primeira metade do século XIX. Posteriormente defendido por Arthur C. Danto no livro *After the End of the Art* (2006), o fim da arte significa um período >>

>>no qual as obras não podem ser mais agrupadas dentro de um conceito único, baseado em teorias históricas. Em outras palavras, é “o final de certa narrativa que foi desvelada na história da arte no decorrer dos séculos, e que chegou a seu fim em meio a certa liberdade de conflitos que eram inescapáveis na Era dos Manifestos.” (Danto, 2006, p. 42). Ou seja, não se constitui necessariamente no fim da produção e expressão artística em geral, mas o término de uma arte encaixada em conceitos e estilos bem delimitados.

Os artistas, atualmente, encontram-se mais livres para escolher que tipos de obra querem fazer, atingindo resultados tão variáveis em materiais, formas, conceitos e meios de apresentação, que impossibilitam a distinção do que é ou não é arte, e nos remete a um momento em que “todos são artistas e ninguém é artista” (GULLAR, 2005).

Arthur Danto salienta a heterogeneidade, a rejeição aos princípios lógicos e a variedade de modos de apresentações como características inerentes a esse momento. O que há atualmente pode ser considerado uma reconciliação com a realidade, já que não há mais restrições espaciais, financeiras ou temporais para se produzir “arte”. Uma escultura elaborada com lixo, um pedaço de tecido dobrado em forma de losango (fig. 01), e uma simples intervenção urbana (fig.02)>>

>>podem constituir expressões artísticas, sem a necessidade de um conceito ou contexto histórico que dêem sentido a essas obras. Gullar explica esse fato ressaltando que

As tendências mais radicais de hoje consideram que a arte não se afirma como obra, que ela repele qualquer juízo crítico e qualquer função na sociedade, descartando a existência mesma de “bens culturais”. Dentro dessa visão, a arte é apenas o conceito de arte, que se separa de qualquer experiência da realidade, de qualquer finalidade social ou ideológica, de qualquer noção histórica da arte, de qualquer teoria da arte ou estética (...).

(GULLAR, 2005, P. 23)

Argan (2006) trata a produção atual através do termo arte conceitual, bastante utilizado atualmente. Para ele, com o conceitualismo, “a arte admite que não pode ter outro desenvolvimento senão uma maior redução e que não existirão novas formas, novo estilo, mas apenas sinais cada vez mais eloquentes da ausência da arte.”

Além de Argan, Ferreira Gullar (2005) defende o início da decadência da arte após o encaminhamento de Duchamp para a arte conceitual. O artista, aderindo às técnicas industriais, dispensa o artesanato e consolida a definição de ready-made através da obra *Fonte*, em 1917 (fig. 03).

2.2- a teoriadofimdaarte

Gullar refere-se à Duchamp como “o último artista”, pois considera que a obra citada, ainda que contenha pouca significação artística, apresenta um caráter de ruptura e gera uma crítica acerca da produção industrial, cumprindo um papel lógico e expressivo na história da arte. Para Danto, porém, essa tendência inicia-se nos anos 60, com a pop art:

Em minha opinião, a causa da mudança foi a emergência de um tanto desgraçadamente nomeada pop art; novamente em meu ponto de vista, o movimento de arte mais crucial do século.(...) E devo dizer que fiquei aturdido. Eu sabia que se tratava de um momento surpreendente e inevitável, e compreendi, imediatamente, em minha própria mente que, se era possível pintar algo como aquilo (O beijo, de Lichtenstein)- e ser tomado com seriedade suficiente por uma publicação de ponta que a comentasse-, então qualquer coisa era possível. (...) Para mim, isso significava que não havia nenhum problema, como um artista, fazer o que quisesse fazer.
(DANTO, 2006, p. 134-136.)

A Brillo Box (fig. 04), de Andy Warhol, foi a obra que mais surpreendeu o autor, pois constitui-se basicamente numa caixa de detergentes, marcando o fim dos limites entre obras de arte e objetos presentes no cotidiano de qualquer pessoa. Para ele, a diferença entre A fonte e a Brillo Box dá-se no fato de uma referir-se à produção industrial através de um protesto, e a outra, além de não constituir-se um trabalho artesanal, não foi concebida com um objetivo claro.

Inicia-se, dessa forma, a teoria de que o artista não é mais apenas aquele que produz, mas aquele que encontra; uma simples pedra pode tornar-se um objeto de deleite visual se alguém decidir tratá-la dessa forma. Porém, “o que não é nem expressivo nem útil talvez só se justifique como brincadeira, atividade gratuita e lúdica.” (Gullar, 2005, p. 34). Ou seja, por trás da irreverência e ousadia, podem esconder-se “artistas” medíocres que contrariam o verdadeiro sentido de expressividade e experimentação da arte em detrimento a uma efêmera repercussão na mídia.

Danto defende ainda que a arte atingiu sua plenitude e seu último estágio de evolução; como na produção tudo é permitido, não há mais necessidade de revoluções. Sobre essa abordagem, Gullar (2005) afirma que as vanguardas, contrariando seu próprio conceito, não fizeram nada além do que retroceder e destruir seus próprios valores. Esse fato é fruto da sociedade industrial, que prestigia a novidade e a rapidez em detrimento da qualidade da produção, reduzindo a arte a um objeto de consumo qualquer. Para concluir, seguem as palavras do autor, que, contrariando esse aspecto da teoria de Danto, defende a necessidade de uma revolução na produção artística atual:

O entusiasmo pelo novo e a quebra do quadro de referências anularam o juízo crítico e provocaram o surgimento de centenas de movimentos estéticos num curto espaço de tempo.>>

>> Como é mais fácil destruir que construir, no curso das décadas o que as vanguardas fizeram- com raras exceções- foi desfazer o sistema de linguagem artística, num processo ilusório em que o mais na verdade era menos, e o passo adiante, um passo atrás. Até que se chegou finalmente ao esgotamento da linguagem artística, ou seja: não havia mais o que destruir. Agora, sentados sobre esses escombros, os artistas que insistem na ilusão vanguardista não se dão conta de que o que, no passado, era audácia, hoje é oportunismo; o que antes era ruptura, hoje é conformismo. A grande revolução agora é redescobrir (...) que a arte não é uma dádiva dos deuses mas uma invenção maravilhosa do homem e que sua destruição só nos empobrece a todos.
(GULLAR, 2005, P. 26-27)

A partir da análise aqui desenvolvida, pode-se concluir que a delicada situação atual traz consigo pontos negativos e positivos, que devem ser seriamente considerados na elaboração dos conceitos básicos do projeto. Para evitar a elaboração aleatória de “arte”, a escola em si cumpre seu papel através de aulas teóricas, debates e palestras que estimulem o raciocínio, o juízo crítico e a busca por valor semântico das produções. Para reforçar o aspecto positivo, a intensa democratização do meio produtivo, decidiu-se criar um ambiente heterogêneo de interesses artísticos, idades e classes sociais que proporcione trocas enriquecedoras e rompimento de preconceitos.>>

2.2- ateoriadofimdaarte

>> Isso se dará através da parceria público-privada na construção e administração do edifício, da permeabilidade visual e interação com o entorno, e da oferta por aulas de tipologias artísticas variadas. Dessa forma, o projeto extrai o melhor da tendência atual da arte e minimiza a ocorrência do oportunismo e conformismo na produção artística, aos quais se refere Gullar.



Fig 03: A Fonte, Duchamp.1917



Fig 04: Brillo Box, Andy Warhol.1964

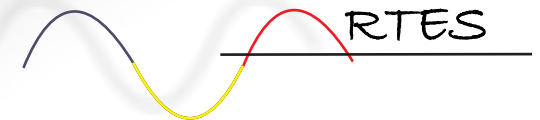


Fig 01: Sem título, Robert Morris. 2010
Fonte: Imagens extraídas do Google.



Fig 02: Intervenção urbana.

2.2- ateoriadofimdaarte



Após minuciosa pesquisa, constatou-se que, dentro de uma escala aproximada do projeto aqui desenvolvido, as escolas de arte em Fortaleza são as seguintes:

Centro Cultural Bom Jardim: Fundado em 2006, o complexo representa um espaço de convivência da comunidade e aprendizagem das mais variadas modalidades artísticas. Apresenta ilha digital, biblioteca, teatro de arena, laboratórios para gravações musicais, salas de dança e multiuso, entre outros. O espaço foi projetado a partir dos interesses da comunidade do Bom Jardim, mas também atende a pessoas de outros bairros, sem pré-requisitos relativos à idade ou condição social. Gerido pelo Governo do Estado, oferece programação variada de cursos, oficinas, exposições e apresentações gratuitas para todas as faixas etárias, entre elas: leitura de poesias, exibição de filmes e shows de artistas locais.



Fig. 05: Centro Cultural Bom Jardim
Fonte: Imagens extraídas do Google.

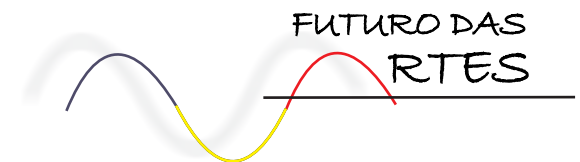
CUCA Che Guevara (Centro urbano de cultura, arte, ciência e esporte)- Barra do Ceará: O equipamento, mantido pela Prefeitura Municipal em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), constitui-se um verdadeiro pólo educacional, de cultura e esportes, com 14 mil m² voltados para jovens de 15 a 29 anos de qualquer condição social. Fundado em 2010, realiza cursos gratuitos permanentes nas áreas de música, teatro, computação, dança, esportes, lutas, gastronomia, além de programações culturais (visitas, debates, exibições de filmes, feiras literárias e apresentações diversas). Possui vasto programa composto por praça, ginásio coberto, pistas de skate, piscina, anfiteatro, salas de exposição e de aulas, laboratórios para cursos de fotografia, cine-teatro, auditório para 200 lugares, entre outros. Vale ressaltar que, apesar de construído há dois anos, ainda está em processo de consolidação e exige amplo investimento em divulgação, tanto nos bairros que o rodeiam, quanto em outras Regionais.



Fig. 06: CUCA Che Guevara-Barra do Ceará

15

2.2- espacialização das escolas de arte em fortaleza



Dragão do Mar de Arte e Cultura- Praia de Iracema: É o maior equipamento cultural de todos, com 30.000 m² distribuídos em salas de cinema, planetário, museus, anfiteatro, teatros, bares e áreas livres. Não é destinado diretamente ao uso educacional, mas promove oficinas e possui biblioteca de consulta local. Rodeado de bares e pubs, apresenta intensa visitação noturna. Destinado aos habitantes locais e turistas de todas as idades, é um equipamento do Governo do Estado e está vinculado ao Centro do Bom Jardim e à Escola de artes e ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho.



Fig. 07: Centro Cultural Dragão do Mar

Viva Escola de Artes- Aldeota: Fundada em 2003, a escola particular era inicialmente voltada para a música, mas passou por reformas e, desde o ano passado, oferece também aulas de artes cênicas, dança e artes visuais (desenho, pintura, escultura, fotografia, entre outros). Apresenta, no seu edifício, um programa completo para atender às necessidades de cada segmento, com um pequeno auditório, salas individualizadas e isoladas acusticamente para aulas de música e amplas salas para artes desenvolvidas em grupo. Além disso, dispõe de grande espaço de convivência com cantina e loja de instrumentos. Recebe alunos de todas as faixas etárias e, considerada sua localização e preço, geralmente de elevado poder aquisitivo.

Instituto de Cultura e Arte da UFC (ICA)- Benfica/Pici:

São cursos de graduação em Artes Cênicas, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social, Design de Moda, Música, Filosofia, Gastronomia e Dança. Seus prédios apresentam diferentes localizações improvisadas, mas está prevista a construção de uma única sede no Pici. Para ter aulas, é necessário ser aprovado no SISU (Sistema Integrado de Seleção Unificada), porém, desenvolve constantes atuações em ONGs, Escolas de Ensino Infantil e Médio, e espaços informais de educação em geral.

Conservatório Alberto Nepomuceno- Benfica: Fundado há 74 anos, é uma instituição particular mantida pelos estudantes e por convênios com empresas e órgãos públicos. Tem cerca de 300 alunos, na sua maioria crianças e jovens; não oferta bolsas de estudo. Oferece aulas de coral, teoria, e vários instrumentos como bateria, guitarra, violão, violino, piano e flauta. Apresenta auditório com capacidade para 150 pessoas.

2.2- espacialização das escolas de arte em fortaleza

Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho- Jacarecanga: Dispõe de ilha digital e biblioteca para a comunidade do bairro, além de refeitório e ateliers para a realização de cursos e oficinas nas áreas de artes plásticas e restauração. A escola, que apresenta algumas deficiências relacionadas ao espaço físico, já que funciona em um antigo casarão de 1929, promove cursos semestrais voltados para jovens de todo o estado e pequenas oficinas para instituições de caridade (como o Lar Torres de Melo). Para participar dos cursos, o jovem deve estudar ou ter estudado em escola pública e possuir renda mensal baixa. Mantida pelo Governo do Estado, funciona desde 2006 e trabalha em parceria com o Dragão do Mar e o Centro Cultural Bom Jardim

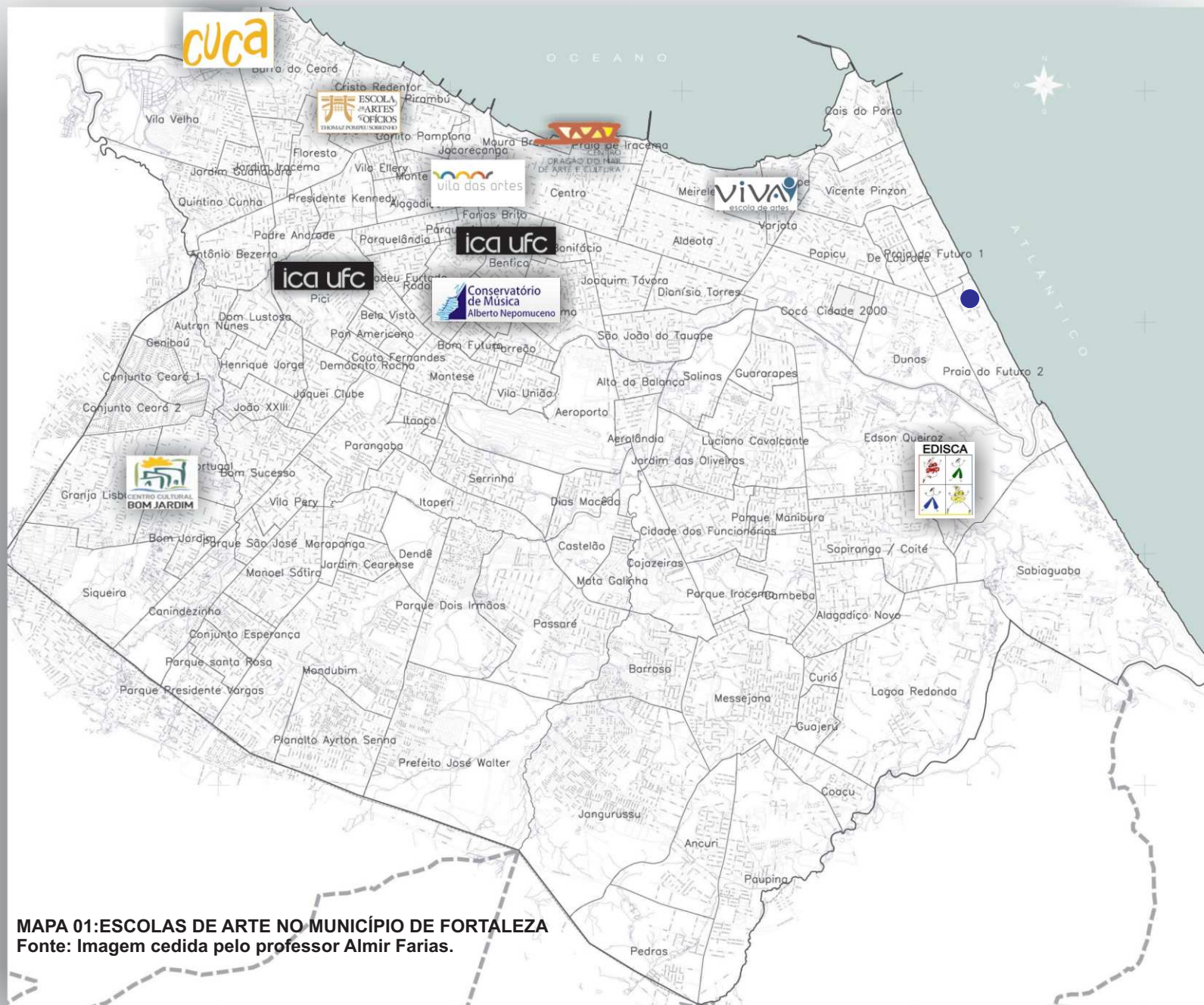


Fig. 08: Centro de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho

Vila das Artes- Centro Histórico: Um casarão de 1954 abriga o equipamento da Prefeitura Municipal de Fortaleza. Inaugurado em 2008, compõe-se de Escola Pública de Dança e Audiovisual, Núcleo de Produção digital, biblioteca e auditório. Oferece diversos cursos e programações culturais nas áreas de dança, artes plásticas e audiovisuais, além de artes cênicas. As atividades são gratuitas e livres, porém a inscrição, feita por internet, passa por seleção que analisa o interessado em relação ao seu grau de motivação e a quantidade de participações em outros cursos da Prefeitura. Segundo a atendente, idade e condição social não têm influência primária na seleção.

Edisca- Água Fria- Desde sua criação, em 1991, a Escola de dança e Integração Social para Criança e Adolescente recebe crianças carentes de 12 a 14 anos dos bairros Praia do Futuro I, Mucuripe, Vicente Pinzon, Serviluz, Dendê, Alvorada, Edson Queiroz e Bom Jardim. Desenvolve ainda projetos paralelos, como o Programa Nossa Saúde, onde realiza uma média anual superior a 2.000 consultas, e cursos de capacitação para mães dos alunos. Estes desfrutam de transporte de casa à escola, além de refeições e algumas bolsas de estudo em colégios particulares de Fortaleza. A sede constitui-se de teatro, biblioteca, ilha digital, salas de aula e espaços para realizações de consultas médicas. O corpo de dança, bastante consagrado no meio artístico, já realizou apresentações na Europa e, com frequência, realiza festivais que abordam temas de cunho social. Mantida por uma ampla parceria entre Governo do Estado, Governo Federal e patrocinadores; seus cursos apresentam procura 10 vezes maior que o número de vagas disponíveis.

2.2- espacialização das escolas de arte em fortaleza



MAPA 01: ESCOLAS DE ARTE NO MUNICÍPIO DE FORTALEZA
Fonte: Imagem cedida pelo professor Almir Farias.

VIVA
escola de artes

ica ufc

vila das artes

ESCOLA DE ARTES
'OFÍCIOS'
THOMAZ POMPEU SOBRINHO

CUCA

CENTRO
DRAGÃO DO MAR
DE ARTE E CULTURA

CENTRO CULTURAL
BOM JARDIM

Conservatório
de Música
Alberto Nepomuceno

EDISCA

Diante dos dados e do mapa apresentados, conclui-se que as zonas leste e sul de Fortaleza são as mais carentes de escolas de arte, sejam elas de iniciativa pública ou privada. Na Regional II, destacam-se: a particular Escola Viva de Artes, que, localizada em área nobre da cidade, atende um corpo heterogêneo no que diz respeito à idade, mas bastante homogêneo em relação à classe social; e a pública EDISCA, que, direcionada especificamente para a dança, admite apenas crianças de determinada faixa etária e moradoras de bairros específicos. De acordo com informações fornecidas pela Prefeitura, nessa Regional inexistem escolas públicas voltadas diretamente para o ensino de música, artes cênicas e plásticas, embora estas sejam abordadas dentro das salas de aula de Ensino Infantil e Fundamental.

Infelizmente, essa não é uma característica inerente apenas a uma parte de Fortaleza. A cidade como um todo sofre a deficiência de equipamentos culturais de ensino, já que, em meio a mais de 2,3 milhões de habitantes (IBGE, 2010), encontram-se somente oito ocorrências de escolas oficiais de ensino de arte, o que em tese representa um equipamento para cada 287.500 pessoas.

Aponta-se, além disso, consideráveis ressalvas: o ingresso ao ICA-UFC é possível apenas mediante aprovação no SISU; o Conservatório e a Escola Viva de Artes não concedem bolsas a estudantes de baixa renda; o CUCA Che Guevara, a Escola de Artes e Ofícios e a EDISCA selecionam seus alunos por idade e condição social; e, por fim, o Dragão do Mar, mal aproveitado, não oferece um número de cursos condizente com seu potencial.

Sem dúvidas, é inegável a importância desses equipamentos como difusores de educação e lazer, bem como do desempenho de valiosos trabalhos sociais por parte da maioria deles. Deve-se considerar, porém, que suas restrições acabam por torná-los insuficientes, dentro de uma esfera bastante complexa e diversificada, como a população urbana de uma capital. Além disso, os critérios de seleção dos alunos e/ou a localização das escolas em bairros de tipologias socioespaciais análogas dificultam a ocorrência de ambientes heterogêneos de aprendizado, que, por serem comprovadamente uma alternativa para amenizar preconceitos e diferenças de classes sociais, configuram-se como objetivo principal do projeto aqui desenvolvido. Percebe-se, assim, a necessidade de mais escolas de arte na nossa cidade, sobretudo daquelas que tirem partido das diferenças como estratégia didática.

2.2- espacialização das escolas de arte em fortaleza

Nunca se produziu tanto e de maneira tão eficaz como hoje em dia. Mesmo assim, as pessoas se preocupam dia e noite com problemas econômicos. Nunca se viu um fenômeno desse na história. O que sempre houve foi uma economia da escassez que dizia: quando formos ricos, teremos tempo suficiente para nos preocupar com os problemas da cultura.
Oskar Negt (2002)

Apesar da afirmativa acima ilustrar uma realidade na qual o Brasil esteve inserido por muitos anos, temos motivos para ser otimistas. De acordo com orientações da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), deve-se destinar, no mínimo, 1% da arrecadação dos impostos federais em favor da Cultura, o que comprova a centralidade desta no processo de desenvolvimento de um país.

De acordo com dados divulgados pelo Ministério da Cultura (MinC), a relação entre o seu orçamento e a Receita de Impostos Federais subiu de 0,36% em 2002 para 0,7% em 2010. Em 2011, o orçamento cresceu 20% em relação ao do ano anterior, com o recorde de 99% na sua execução. Quanto à concessão de incentivos fiscais a pessoas físicas e jurídicas que contribuírem diretamente com projetos culturais (Lei Rouanet), há muita polêmica a cerca de sua eficácia: muitas empresas escolhem instituições de grande repercussão (principalmente no Sudeste), promovem suas “boas ações”, e assim, ganham a simpatia do público. Apesar de já ter passado por reformas, a lei ainda provoca fervorosos debates. Pelo gráfico (fig.09) evidencia-se que os recursos captados pela Lei Rouanet>>

>>ocupam, cada vez mais, importante percentagem do orçamento da FUNARTE (Fundação Nacional de Artes, vinculada ao MinC). O que se deve ter em conta é o seu caráter complementar, afinal, caso ocorra uma crise econômica, as participações privadas cairiam consideravelmente, e os investimentos na Cultura dependeriam apenas do orçamento público.

Conclui-se que projetos de atuação no campo da cultura encontram uma economia favorável à sua realização. A Escola Futuro das Artes é uma parceria público-privada que, formada por um corpo discente democrático, mantém-se através do pagamento mensal de 50% dos alunos e da ajuda de custo do Governo para concessão de bolsas aos demais.

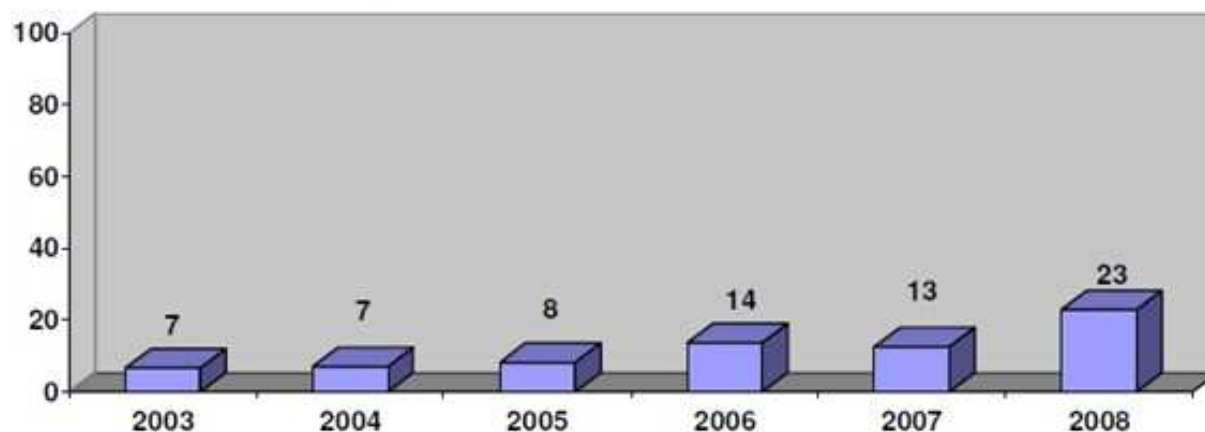


Fig. 09: : Relação entre volume de recursos captados via renúncia fiscal e orçamento da FUNARTE, por ano. Fonte: <http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/LEI-ROUANET.pdf>



3- estudos de caso

«um edifício contemporâneo num lugar ou projeto existente é bem sucedido na medida em que é capaz de melhorar o seu entorno e ao mesmo tempo revalorizar o meio no qual está inserido.»

Jean Nouvel

Os projetos escolhidos para o estudo de caso são centros culturais contemporâneos que se configuram como fortes componentes urbanos, com o objetivo primordial de dinamizar e requalificar o espaço público. Para isso, ambos utilizam-se de artifícios como transparência, aberturas e amplas áreas de convivência, que inspiraram fortemente o desenho da Futuro das Artes. Embora haja divergências quanto aos seus programas de necessidades, a essência dos três está na busca por uma melhoria do seu entorno dentro de um contexto urbano complexo, através de um equipamento de estímulo à manifestação artística.

Centro Cultural da Luz

O projeto, assinado pelo escritório suíço Herzog & De Meuron, tem área de 73 mil m² e apresenta três teatros com espaço para 2750 espectadores, café, biblioteca, praças, áreas verdes, administração, área técnica, amplo estacionamento e as sedes da São Paulo Companhia de Dança e da Escola de Música Tom Jobim. Localizado no centro da capital de São Paulo, mais precisamente na «cracolândia», faz parte do programa Nova Luz, que tem por objetivo revitalizar essa região da cidade, por muito tempo esquecida pelo poder público.

A entrada é marcada por uma passarela que atravessa internamente o edifício e conecta as praças Júlio Prestes à Princesa Isabel. As grandes vedações de vidro e volumes soltos, conectados por passarelas, garantem a transparência e a permeabilidade que conceituam o projeto. Além disso, a distância entre os teatros garante a simultaneidade de atividades. O edifício, em concreto, é formado por malhas ortogonais que se cruzam e geram vastos espaços de contemplação paisagística.



Fig. 10: Localizado em frente à Sala São Paulo, o equipamento deverá aumentar e qualificar as atividades culturais, além de reforçar o potencial paisagístico da área.
Fonte das imagens: www.arcoweb.com.br

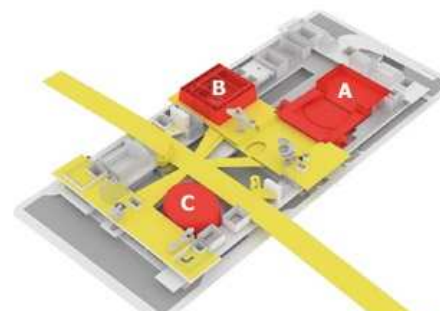


Fig. 11: Perspectiva com a distribuição dos teatros:
A: Teatro de Dança (1750 lugares).
B: Teatro Experimental (400 lugares).
C: Teatro de Recital (500 lugares).

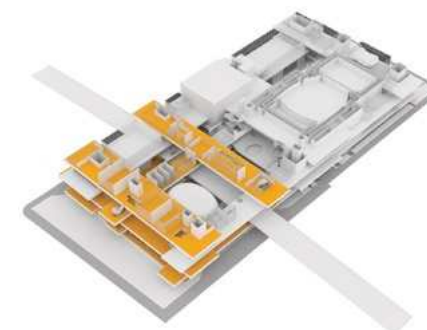


Fig. 12: Perspectiva com destaque para a Escola de Música.

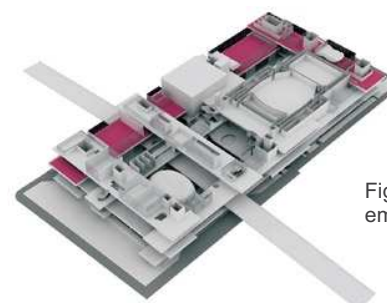


Fig. 13 Perspectiva com a Escola de Dança em evidência.

Há a predominância do plano das lajes sobre os volumes, referência clara ao movimento plasticista. Estas sombreiam os espaços de convivência e passagem, e se intercalam em diferentes níveis, o que ocasiona a variação das alturas de pé direito entre 3 e 15 metros, e dinamiza a entrada da luz natural nos ambientes.

Sem fachadas principais e tomado por frondosos jardins, o edifício caracteriza-se como um parque dotado de um centro cultural. Não apresenta uma plástica icônica, mas uma forma simples, clara, leve e aberta ao seu entorno. Nesse sentido, nas palavras de Jacques Herzog, o Centro Cultural da Luz é “um projeto nu, com seus ossos e estruturas expostos”.

Previsto para 2016 e com o programa já consolidado desde 2010, o projeto ainda apresenta algumas questões em andamento, que serão resolvidas em parcerias do H&DM entre escritórios nacionais e internacionais. No âmbito da concepção do projeto arquitetônico, acredito que foram tomadas boas decisões. O edifício se adequa bem ao contexto urbano quando vira um lugar de passagem, e aliado à isso, utiliza-se de transparências e espaços de convivência.

A passarela principal, que liga as duas praças, está bem conectada aos foyers dos três teatros, o que facilita o acesso a estes, a divulgação de espetáculos a um grande número de pessoas e um ambiente favorável a apresentações alternativas. Os espaços semipúblicos, compostos pelas escolas, estão mais resguardados fisicamente, pois localizam-se no 3º pavimento, mas suas vedações translúcidas possibilitam uma permeabilidade visual. Os alunos e professores, por sua vez, estão favorecidos com a luz natural e visão privilegiada dos jardins em todas as salas de aula. Estas, na escola de música, têm a acústica bem resolvida devido à adoção de paredes não-paralelas, que promovem a distribuição homogênea do som. Aliados a um projeto paisagístico composto por árvores de grande porte e espelhos d'água, as amplas lajes e volumes soltos garantem bom conforto térmico.

O que me incomoda um pouco é o fato das escolas de música e dança estarem separadas por um vazio, com os acessos distintos. Entendo que não há uma unidade, já que são escolas diferentes, e há visibilidade de uma para a outra, mas eu pensaria em estimular mais os encontros e convívio entre os usuários de ambas.

Uma relevante questão levantada por arquitetos brasileiros foi a escolha do escritório suíço Herzog & De Meuron sem um concurso, em detrimento à seleção de um projeto por sua qualidade, e de custo consideravelmente menor. O assunto tem ocasionado muita polêmica, e inclusive condicionado críticas fervorosas ao projeto em si. Na minha visão, como apreciadora do escritório e da proposta em questão, acredito que, pontualmente, é interessante nos darmos «ao luxo» de desfrutar de uma arquitetura internacional, que é ao mesmo tempo, simples e bem resolvida, e nos proporciona intercâmbio cultural, diversidade de soluções arquitetônicas, e incremento do turismo. A parceria com escritórios nacionais é bastante vantajosa, pois ambas as partes beneficiam-se com a troca de conhecimentos e experiências.

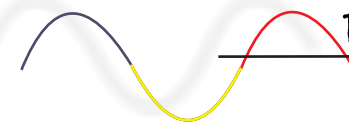




Fig. 14: Paisagismo e pés direito variáveis são elementos marcantes no projeto.



Fig. 15: Mezaninos e amplos espaços livres geram áreas de convivência, encontros e manifestações diversas.

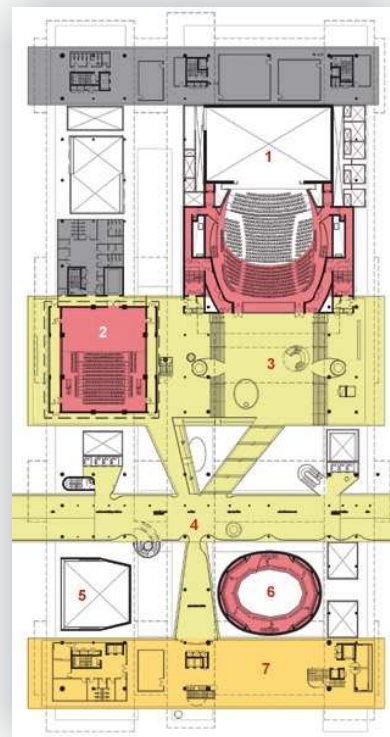


Fig. 16: Planta esquemática- 2º Pavimento
1. Teatro de dança
2. Teatro experimental
3. Foyer
4. Passarela central
5. Sala de ensaios (orquestra)
6. Teatro de recital

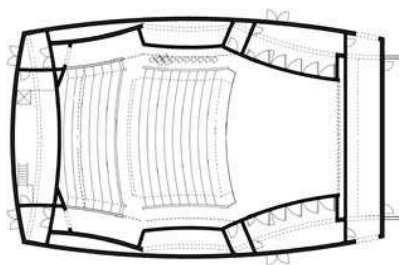


Fig. 18: Planta Baixa- Teatro de Dança.

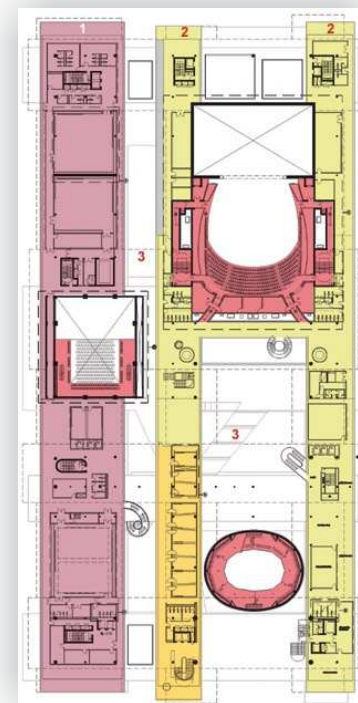


Fig. 17: Planta esquemática- 3º Pavimento
1. Companhia de dança
2. Escola de música
3. Vazio

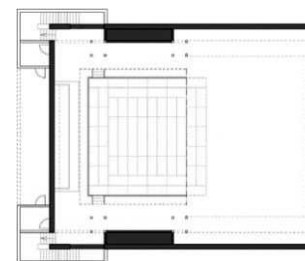


Fig. 19: Planta Baixa- Teatro Experimental.

Localizado no centro de Santiago, Chile, o edifício é composto por três volumes: o Grande Hall Público (teatro com capacidade para 2.000 pessoas, ainda em construção), a Sala de Treinamento de Artes Cênicas e Música, e o Centro de Documentação de Artes Cênicas e Música (biblioteca). Apresenta-se na segunda e última etapa de construção, e já dispõe de vasto programa distribuído em seus 22 mil m² de superfície: 3 grandes praças públicas conectadas entre si, 2 salas de espetáculos com total de 552 lugares, 4 salas de ensaio para artes cênicas, 2 salas de exibição para artes plásticas, 2 salões para seminários e uma grade biblioteca multimídia.

Assinado pelo escritório chileno Cristián Fernandez Arquitectos, o projeto foi vencedor de um concurso realizado em 2007 após o incêndio do edifício original. O antigo prédio Diego Portales foi inaugurado em 1972 e foi sede do Governo de Salvador Allende.

A estrutura do Diego Portales foi aproveitada no novo projeto, e a sua volumetria foi estudada e reinterpretada de forma contemporânea.

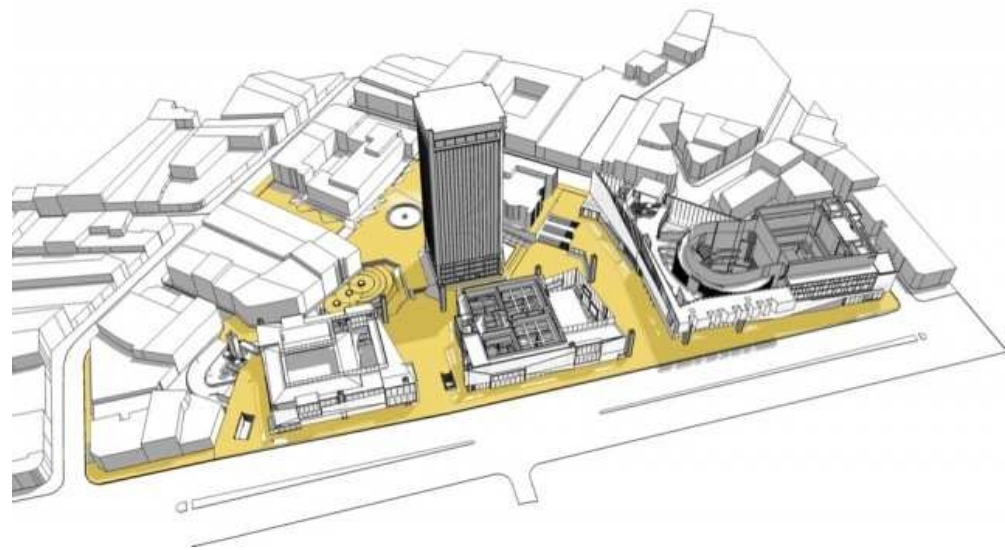


Fig. 20: Praças públicas interligam os 3 volumes
Fonte das imagens: www.archdaily.com



Fig. 21: Laje em pé-direito triplo sombreia uma das praças.



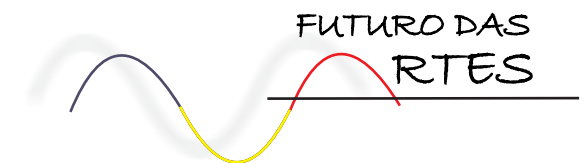
Fig. 22: Antigo prédio Diego Portales



Fig. 23: Prédio atual

25

3.2- **centroculturalgabrielamistral**



Os materiais utilizados foram aço corten, madeira, concreto e vidro. A pele de aço que envolve o edifício alterna-se com saques de volumes em panos de vidro, o que destaca certos espaços interiores, como a biblioteca, sala de dança e alguns vazios do edifício. Utiliza-se, assim, da transparência para convidar os visitantes a envolver-se com as atividades que ocorrem ali. Dentro dos volumes, o programa comunica-se verticalmente através de um átrio de pé-direito triplo, o que facilita a orientação e visibilidade do espaço interno.

As áreas de espetáculos foram cuidadosamente pensadas para obter melhor desempenho acústico. Através de planos inclinados, ora absorventes, ora refletores, o som é igualmente direcionado a todos os espectadores. O teatro conta, ainda, com os equipamentos de áudio e iluminação mais modernos do país.

Como pode ser observado na planta, há uma busca, através da articulação dos três volumes, por novas propostas de espaço público. As quatro idéias desenvolvidas no quesito urbanístico foram: abertura para a cidade, criação de um novo espaço público, incorporação de programas comunitários e formação de um novo marco para a cidade.

Apesar de formalmente o edifício me parecer pesado e faltarem espaços verdes nas praças, os conceitos de transparência e interação urbana que o projeto propõe garantem a sua qualidade. As praças articuladas, servidas de generosas vistas do interior do Centro, compõem ampla área de passagem e convivência que estimulam o envolvimento da comunidade com os usuários do edifício. Dessa forma, foi alcançada a almejada requalificação de um espaço antes esquecido por quem vivia e/ou simplesmente passava no local.



Fig. 24: Exposições



Fig.25: Biblioteca com vista para a praça



Fig.26: Pele em aço corten e grandes esquadrias localizadas em pontos estratégicos compõem a fachada



Fig.27: Planta 1º pavimento



4-apraia do futuro

«Todo artista tem de ir aonde o povo está.»

Milton Nascimento

A região praiana de Fortaleza, até a década de 30, era utilizada pela população apenas para atividades portuárias e pesqueiras. Anos depois, passou a ser valorizada como área de lazer e de deleite visual, e, conseqüentemente, a faixa norte passou a ser frequentada pela elite da cidade. A construção do Porto do Mucuripe pelo Governo do Estado, em 1940, provocou uma grande erosão na Praia de Iracema, que, por isso, sofreu obras de contenção ao longo de sua extensão, o que diminuiu consideravelmente a frequência dos banhistas.

A partir de 1965, a Praia do Futuro começou a receber mais atenção por parte da população e do Governo, sobretudo devido à busca por novos refúgios e da expansão de Fortaleza para o leste. Inicia-se a especulação imobiliária, com o loteamento da imobiliária Antônio Diogo, além de intervenções em infra-estruturas e uma maior preocupação com a arborização da área. Ao mesmo tempo em que recebe cada vez mais visitantes, o local começa a apresentar grandes problemas, como a insegurança, prostituição e surgimento de favelas.

Na década de 70 começam a surgir barracas de praia, que, sem condições de higiene, geravam muitas discussões e ameaças de despejo; como solução provisória, as autoridades responsáveis decidiram permitir barracas apenas onde a praia estivesse urbanizada.

A primeira metade dessa década foi marcada por grandes obras, como a extensão da Avenida Santos Dumont até a praia e a abertura da Avenida Dioguinho. Iniciou-se uma acelerada especulação imobiliária e, com isso, os problemas decorrentes: grandes loteamentos (muitas vezes clandestinos), aterros de riachos, desmontes de dunas e expulsões de moradores de baixa renda para a periferia.

Houve uma maior preocupação com a urbanização da Praia do Futuro a partir da década de 80, mas as obras não foram suficientes para amenizar os grandes problemas de poluição, irregularidade das barracas, favelização, falta de saneamento, arborização insuficiente, entre outros.. Como tentativa de melhorar as condições de vida da população de um modo geral, foi iniciado o projeto SANEAR, aliado a outras ações da Prefeitura no sentido de incentivar a visita à praia.

Na Segunda metade dos anos 90, o uso e ocupação impróprios do solo começam a exigir intensa fiscalização, mas os problemas sociais são ainda os mais preocupantes, e contribuem para uma desvalorização imobiliária da praia.

Nos anos 2000, a praia recebe cada vez mais frequentadores, tanto fortalezenses quanto turistas de todos os lugares do mundo.

Percebe-se maior participação do poder público quanto à urbanização e legalização dos usos na Praia do Futuro, mas não se tem notado uma melhoria considerável quanto às questões sociais. Vale ressaltar o Projeto Orla, que, iniciado em 2007, é uma iniciativa do Ministério do Meio Ambiente que busca identificar os problemas da orla marítima de Fortaleza e estabelecer medidas de planejamento e gestão.



Fig. 28: Loteamento Antônio Diogo, pouca infra-estrutura e primeiras barracas de praia na década de 70.



Fig. 29: Praia do Futuro no final dos anos 80, com a Av. Zezé Diogo, áreas urbanizadas e edifícios.

A Praia do Futuro tem extensão de aproximadamente 6 km e está administrativamente dividida em Praia do Futuro I e II e Vicente Pinzón. Apresenta, atualmente, cerca de 18.500 moradores (Jornal O Povo)

Embora intensamente frequentado por turistas e fortalezenses, o bairro sofre, ainda, os mesmos problemas de 30 anos atrás: poluição, insegurança, irregularidade de usos, infra-estrutura ineficiente e pobreza. Segundo Dantas(2002):

Atualmente, território de uso misto caracteriza a praia do Futuro, tornando-a mais diversa que as outras praias de Fortaleza. (...). A diversidade da Praia do Futuro é garantida graças ao comportamento diferenciado do mercado fundiário. Se na praia de Iracema e na avenida Beira-mar, a construção do calçadão implicou incremento do preço de terra, naquela praia os preços continuam baixos. A particularidade explica a permanência das classes menos abastadas e a chegada de outros usuários que ocupavam zonas de praia mais valorizadas [...]. As favelas, os bairros populares, os apartamentos, as residências da classe média e da classe abastada coabitam neste lugar heterogêneo, com fraca taxa de verticalização. Ademais, a baixa especulação imobiliária permite continuidade das barracas nas zonas de praia, acompanhando toda a extensão do calçadão.

O distrito industrial no Porto do Mucuripe e a sazonalidade do turismo na Praia do Futuro foram, sem dúvidas, condicionantes para o intenso processo de expansão de favelas por toda a extensão do litoral leste. O comércio informal e os serviços não especializados, assim, representam uma alternativa de sobrevivência aos moradores de baixa renda (Pequeno, 2008). Vale salientar que o Bairro apresenta uma das maiores incidências de ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) do município.

O descaso do poder público é evidente também no que diz respeito à manutenção da infra-estrutura: sistemas de esgotamento sanitário clandestinos, barracas irregulares ou abandonadas, ocupações de comércio informal ao longo do calçadão, placas de sinalização e mobiliário insuficientes e deteriorados, vias depredadas e sem espaço para ciclistas, lixo nos passeios e pouca arborização são algumas das ocorrências que comprovam esse fato.



Figs. 30 e 31: Canteiro central sem arborização e com lixo. Calçada degradada acima.



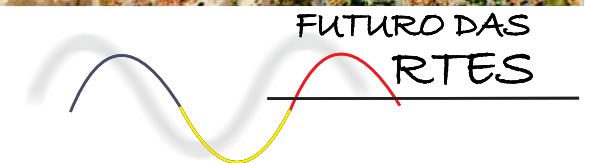
Figs. 32 e 33: Barracas destoantes: uma abandonada e outra com grande infra-estrutura.



Fig. 34: Escola Frei Tito, a única escola pública da faixa que compreende Praia do Futuro I e II.



4.2- situação atual



A necessidade de reformas para a Copa de 2014 e a indiscutível importância turística da Praia do Futuro impulsionaram novos projetos para a região. Foi lançado em Fortaleza o Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo, o PRODETUR, cujos recursos deverão promover o reordenamento e urbanização da faixa litorânea, sobretudo da Beira Mar até a Praia do Futuro II. Dentre as intervenções, estão: a revitalização do Morro de Santa Terezinha, o calçadão da Beira Mar, a Praça do Serviluz, a Praça do Futuro, o Jardim da Praia e a requalificação do sistema viário da Praia do Futuro. Os dois últimos, por apresentarem relação direta com o projeto Futuro das Artes, serão explicados com mais detalhamento a seguir.

Sob responsabilidade do Governo, o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) cruzará 22 bairros através da linha Parangaba-Mucuripe, que terá 12,7 km de extensão. O terminal de passageiros do Porto do Mucuripe, além de receber o VLT, contemplará um novo cais, check-in e check-out de passageiros, lojas de conveniência, restaurantes e estacionamentos.

Os espaços revitalizados devem vir aliados ao comprometimento dos usuários e dos governantes com a sua manutenção frequente, e não apenas enquanto ocorrerem grandes eventos, como a Copa do Mundo.

Vale ressaltar ainda que, embora prometam proporcionar mais comodidade e opções de lazer a turistas e moradores locais, os projetos são ineficientes no que diz respeito à resolução das grandes questões sociais da região. A carência de equipamentos públicos e as péssimas condições de moradia, descondizentes com uma área repleta de ZEIS, ainda representam os maiores problemas da população. O trecho de 6 km correspondente à Praia do Futuro I e II, por exemplo, compõe-se de 22 favelas, cujos moradores apresentam taxa de analfabetismo consideravelmente alta, oscilante entre 6% e 15% (Pequeno, 2008).



Fig.35: Porto do Mucuripe
Fonte: Imagens cedidas pelo prof. Renato Pequeno



Fig.36: Projeto de revitalização do Morro de Santa Terezinha

4.3- projetos de requalificação

Revitalização do sistema viário da Praia do Futuro

O projeto tem por objetivo melhorar a acessibilidade e a mobilidade urbana da Avenida Zezé Diogo, Av. Dioguinho e das ruas perpendiculares a essas. Consiste na instalação de novos postes elétricos e placas de sinalização, padronização das calçadas, disposição de ciclovias pela orla e revitalização do paisagismo. Além disso, serão executadas novas pavimentações e sistemas de drenagem.

Os sistemas de saneamento das barracas da orla, porém, não foram contemplados no projeto, o que gerou polêmica entre a Prefeitura e os proprietários dos estabelecimentos. Isso deve-se ao fato do processo de retirada das barracas, iniciado em abril de 2011, ainda estar em análise pelo Tribunal Regional Federal. Enquanto isso, a ausência da interligação das barracas à rede de esgoto ocasiona inúmeros transtornos, que poderão ser amenizados com as obras de drenagem.



Fig.37: Cruzamento da Praça do Serviluz.
Fonte:Imagens cedidas pelo prof. Renato Pequeno.



Fig.38: Imagem esquemática da intervenção.
Fonte:Jornal Diário do Nordeste.



Fig.39: Av. Zezé Diogo atualmente.



Fig.40: Av. Zezé Diogo após a requalificação.

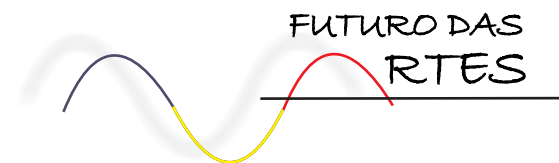


Fig.41: Av. Dioguinho atualmente.



Fig.42: Av. Dioguinho revitalizada.

4.3- projetosderequalificação



Praça do Futuro

Em 23 de Março de 2011 iniciaram-se as obras da Praça 31 de Março, que será renomeada de Praça do Futuro. O projeto, assinado pelo escritório Architectus, deverá custar 5 milhões de reais e constitui-se em espaço de esportes e exercícios em geral, além de serviços e espaços paisagísticos.

O projeto prevê a construção de dois campos de futebol de areia, quatro quadras de vôlei de areia, duas quadras poliesportivas pavimentadas para a prática de basketball, vôlei de quadra e futebol de salão, e pistas de skate para iniciantes e semi-profissionais. A pista de ciclismo e cooper margeia a praça em 560 metros, e foram propostas 203 vagas para estacionamento ao seu redor. Para dar suporte ao local e aos usuários, foram propostos edifícios institucionais: o prédio da SERII, Centro de Apoio ao Turista, a Secretaria de Desportos, Posto da Polícia Militar do Ceará e Prédio de Apoio para a Brigada de Salva-vidas do corpo de Bombeiros.

Quanto ao paisagismo, levou-se em consideração o grau de salinidade, os fortes ventos, o solo arenoso e o baixo índice pluviométrico. Por isso, segundo o arquiteto Gerson Amaral, «Foram adotadas espécies caracterizadas pela resistência às condições litorâneas, pela baixa manutenção e pelo grande valor paisagístico.

Associando espécies nativas de restinga e espécies ornamentais de uso já consagrado no paisagismo de áreas litorâneas, as massas de vegetação propostas associam palmeiras, árvores, arbustos e forrações que compõem ambientes de permanência e lazer sombreados e protegidos dos fortes ventos.»

Há também preocupação com a acessibilidade, com a disposição de mapas e caminhos táteis, além do emprego de pavimentação para deficientes físicos.



Fig.44: Posto da Polícia Militar



Fig.43: Praça do Futuro

Fonte: Imagens cedidas pelo Escritório Architectus

4.3- projetosderequalificação

Praça do Futuro-Crítica

De acordo com Sun Alex, a acessibilidade é uma condição indispensável ao uso de uma praça, que se divide em três conceitos: acessos físico, visual e simbólico. O físico, referente à ausência de barreiras que impeçam a chegada e saída; o visual indica o grau de percepção e identificação que o lugar passa, mesmo distante do observador; e o simbólico é a presença de sinais que sugerem o tipo de frequentador bem-vindo ao local.

A praça do Futuro apresenta localização privilegiada: encerra umas das avenidas mais importantes da cidade (Av. Santos Dumont) e funciona como porta de entrada para um cartão turístico de Fortaleza. Acredito, porém, que sua importância urbana não foi considerada, pois dispõe de um desenho impessoal, que não agrega identidade ao local. Assim, o indispensável acesso visual ao qual se refere Sun Alex foi praticamente esquecido, em meio a um entorno que clama por tal característica.

Seguem algumas sugestões de diretrizes que juntas, na minha opinião, atenderiam aos três conceitos de acessibilidade, e requalificariam o espaço de acordo com o seu potencial:

1. Criar um **espaço multifuncional** que agregue, entre outras, as seguintes atividades: grandes shows e comemorações, exposições ao ar livre, feiras variadas (de antiguidades, de artesanato, festivais gastronômicos), quiosques de sorvetes e lanches (em dias normais), bancas de tapioqueiras, atividades organizadas pela prefeitura para a comunidade.

2. Para incentivar o **lazer** e prática de **exercícios**, dispor de parques infantis, quadras esportivas, aparelhos de musculação e aluguel de bicicletas.

3. Projetar equipamento que funcionará como **apoio ao turista**, curso e biblioteca de línguas para a **comunidade** e demais interessados. Funcionaria também à noite, para incentivar o uso noturno. Essa ação seria do tipo pública direta e privada complementar, com incentivo aos alunos de baixa renda.

4. Como ação privada complementar, prever área para barzinhos e restaurantes, que contribuirão também para garantir a **vitalidade noturna** na praia.

5. Para reforçar a idéia de portal, prever a colocação de um **marco visual** que servirá, ao mesmo tempo, para dotar a praça de uma identidade visual, e como suporte para os palcos que serão montados.



Fig.45: Pista de cooper e quadra de vôlei.
Fonte: Imagens cedidas pelo Escritório Architectus



Fig.46: Chegada pela Av. Santos Dumont. O gerador de energia eólica, inviável, foi excluído do projeto.



Fig.47: Quiosques.

A influência das intervenções para o projeto Futuro das Artes está em melhorar o acesso dos alunos que habitam a região da orla, aumentar a visitação da Praia do Futuro, e, conseqüentemente, da escola, o que garante público para as apresentações e exposições, e desperta o interesse em investimentos privados. Além disso, as praças dinamizam as relações entre os moradores locais, e assim, tornam mais fácil a divulgação de atividades que ocorram na escola. A melhoria das infraestruturas viária e urbana, embora devesse vir aliada a outras intervenções, desenvolverá um papel fundamental na consolidação do espaço democrático e diversificado que deverá compor a escola Futuro das Artes.

Revitalização do Morro de Santa Terezinha



Reordenamento do calçadão da Beira Mar



Reestruturação do sistema viário

Terminal de passageiros do Porto do Mucuripe



Praça Jardim da Praia

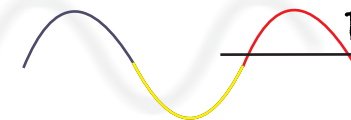


Praça do Serviluz

Praça do Futuro



4.3- projetos de requalificação

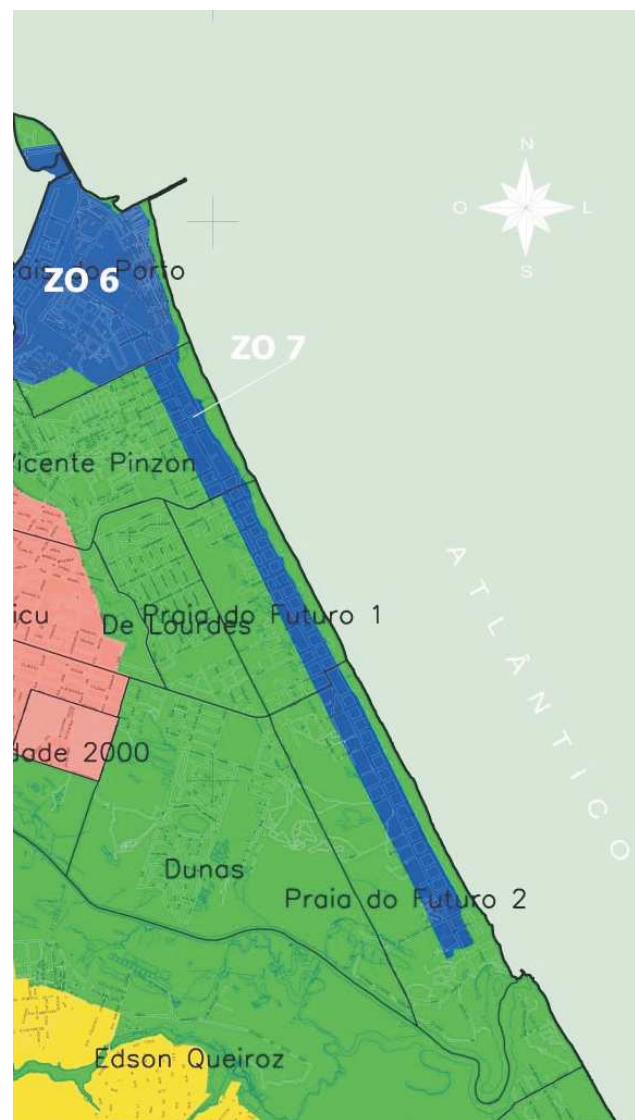


A partir do Plano Diretor da cidade de Fortaleza, conclui-se que o terreno em questão encontra-se dentro da Macrozona de Ocupação Urbana, que está dividida em:

- I - Zona de Ocupação Preferencial 1 (ZOP 1);
- II - Zona de Ocupação Preferencial 2 (ZOP 2);
- III - Zona de Ocupação Consolidada (ZOC);
- IV - Zona de Requalificação Urbana 1 (ZRU 1);
- V - Zona de Requalificação Urbana 2 (ZRU 2);
- VI - Zona de Ocupação Moderada 1 (ZOM 1);
- VII - Zona de Ocupação Moderada 2 (ZOM 2);
- VIII - Zona de Ocupação Restrita (ZOR);
- IX - Zona da Orla (ZO).

A zona que nos interessa é a Zona da Orla (ZO), que “caracteriza-se por ser área contígua à faixa de praia, que por suas características de solo, aspectos paisagísticos, potencialidades turísticas, e sua função na estrutura urbana, exige parâmetros urbanísticos específicos”(PDP Fortaleza) . Dentro deste subgrupo, o terreno encontra-se dentro da Zona 7(ver mapa), que abrange toda a Praia do Futuro e apresenta os seguintes parâmetros:

- I- índice de aproveitamento básico: 2,0;
- II - índice de aproveitamento máximo: 2,0;
- III - índice de aproveitamento mínimo: 0,1;
- IV - taxa de permeabilidade: 40%;
- V - taxa de ocupação: 50%;
- VI - taxa de ocupação de subsolo: 50%;
- VII - altura máxima da edificação: 36m;
- VIII - área mínima de lote: 200m²;
- IX – testada mínima de lote: 8m;
- X - profundidade mínima do lote: 25m.



Mapa 2: Subdivisões da Zona de Orla.
Fonte: PDP Fortaleza



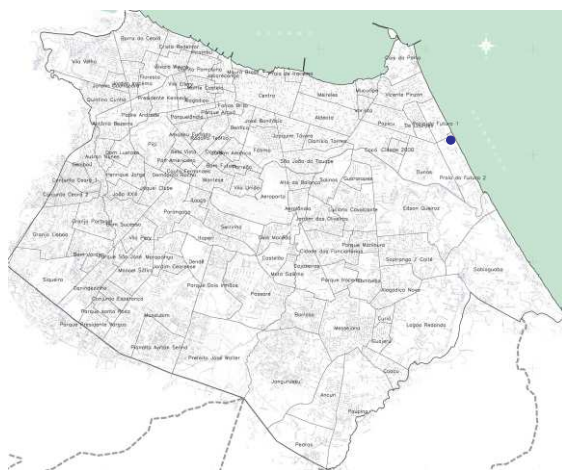
O terreno, atualmente inutilizado, localiza-se na região da Praia do Futuro II (ver mapa), ao lado da Praça do Futuro. As vias que o delimitam são, ao norte, Rua Coronel João Alencar, ao leste, Av. Zezé Diogo, ao sul, Rua Edmundo Falcão, e a oeste, Av. Dioguinho. As duas Avenidas, ao longo da orla composta por barracas de praia, apresentam tráfego intenso nos fins de semana. Percebe-se, porém, que como as barracas próximas ao terreno são de pequeno/médio porte ou encontram-se abandonadas, e a praça, em obras, ainda não se configura como pólo atrativo, as vias coletoras são pouco trafegadas.

Os motivos da escolha do terreno foram a insuficiência de equipamentos públicos no local e o caráter heterogêneo da Regional II,>>

<<visto que “a Praia do Futuro/Dunas/Cidade 2000 são consideradas AED’s (áreas de expansão de dados, delimitada pelo IBGE) de classe média e entre as de favelas”(Pequeno,2008). Como o objetivo é proporcionar uma escola de pessoas diferenciadas, é bastante apropriado inseri-la em uma região com tal característica. Os projetos em andamento, ainda que de previsão duvidosa, também nortearam a decisão, já que prometem amenizar os problemas de infra-estrutura da orla. Os grandes potenciais paisagístico e turístico da Praia do Futuro também foram levados em conta, visto que a produção artística requer um ambiente inspirador e que proporcione um público numeroso>>

>>e diversificado para frequentar apresentações e exposições de arte.

No que diz respeito ao espaço construído, o entorno é fortemente marcado por vazios e moradias precárias, o que reforça a necessidade de equipamentos públicos na área. As favelas do Caroço e dos Cocos são formadas por mais de 2.300 famílias (Junior,2005). As barracas localizadas em frente constituem-se um problema, pois estão abandonadas e funcionam como barreiras físicas e visuais da praia.



Mapa 3: Localização do terreno no município de Fortaleza
Fonte: Imagem cedida pelo Prof. Almir Farias

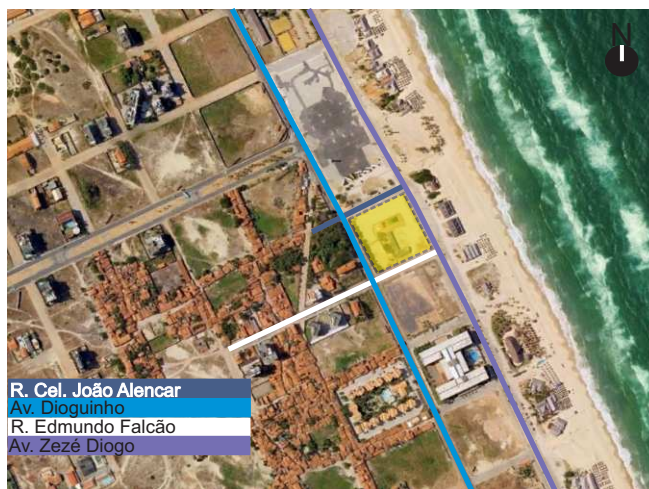


Fig. 48: Entorno.
Fonte: Google Maps.



Fig. 49: O terreno escolhido: vista da rua Cel. João Alencar.
Fonte: Arquivo pessoal.

4.4- o terreno e seu entorno



Fig. 50: Na Av. Dioguinho, a quadra localizada em frente ao terreno é formada por propriedades privadas. Vale ressaltar a presença de dois pontos de ônibus no trecho em estudo. Fonte: Imagens de arquivo pessoal.

Fig. 51: A proximidade da Escola com a Avenida Santos Dumont é bastante vantajosa, visto que esta, com 8km de extensão, liga o centro da cidade à Praia do Futuro, e configura-se como principal acesso à praia.



Fig. 52: Praça em obras e calçada degradada em uma das vias coletoras de acesso à praia.



Fig. 53: Barracas de pequeno/médio porte abandonadas compõem um trecho deserto e inseguro na Zezé Diogo.

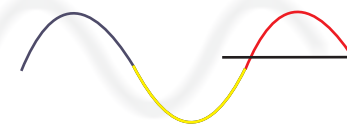


Fig. 55: O conjunto residencial de classe média alta previsto para 2013 na rua Edmundo Falcão, como em vários casos na cidade, valoriza o enclausuramento como alternativa à insegurança e à falta de infra-estrutura do seu entorno. O interesse imobiliário na região vem crescendo consideravelmente devido à busca por novos locais para investir, ao potencial paisagístico da Praia do Futuro, e aos novos projetos para revitalização da orla. Esse fato acarreta em aumento da heterogeneidade de classes sociais na área.



Fig. 54: Hotel e barraca Vila Galé: grande infra-estrutura de lazer voltada para turistas.

4.4- o terreno e seu entorno



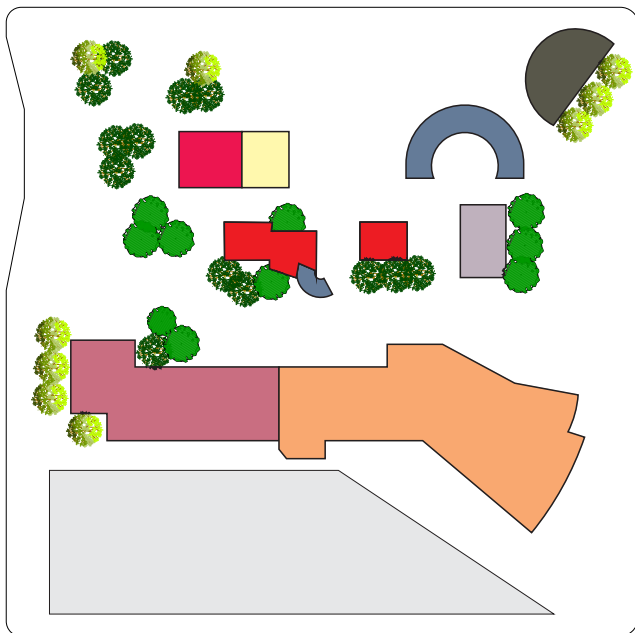


Fig.57: Espacialização térreo-sem escala

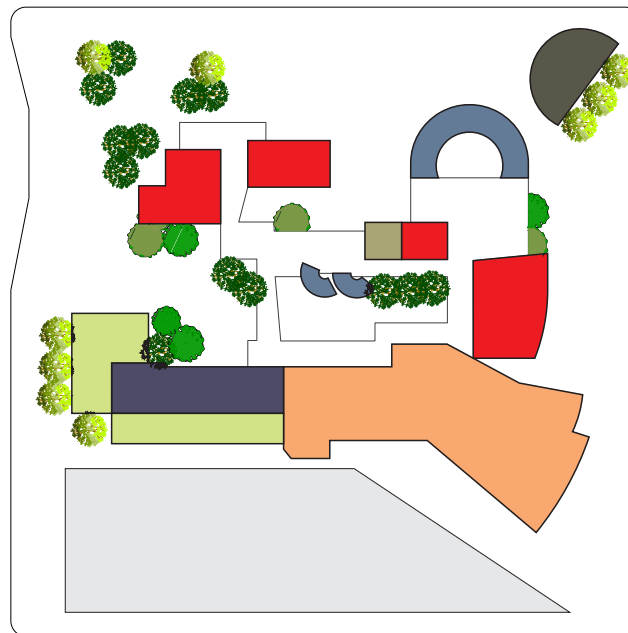


Fig.58: Espacialização 1º pavimento-sem escala

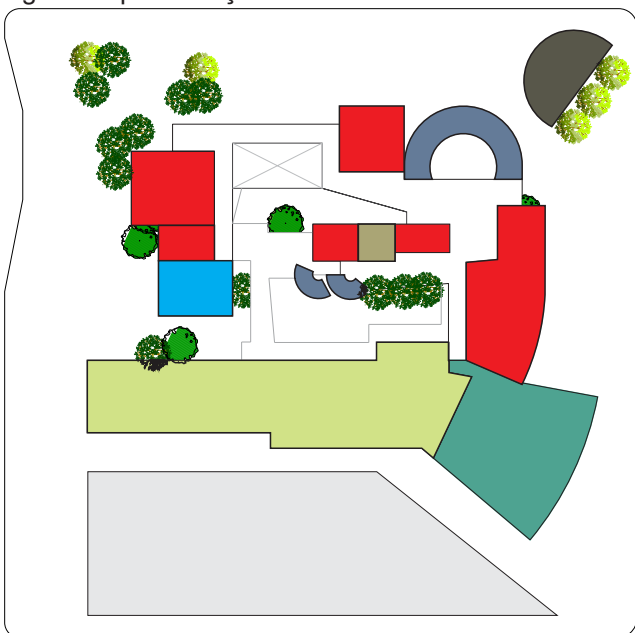


Fig.59: Espacialização 2º pavimento-sem escala

Loja/Espaço de Exposições
Circulação vertical
Cantina/Banheiros
Salas de aula
Administração/Serviços
Teatro
Anfiteatro
Auditório
Laje jardim
Banheiros
Estacionamento
Estúdio/Rádio Escola
Biblioteca
Varanda

5.3 espacialização do programa



5- memorial descritivo

«A arquitetura é essencialmente uma arte: uma arte visual, uma arte plástica, uma arte espacial. Porém deve-se perceber que a experiência da arquitetura é recebida por todos os nossos sentidos e não unicamente pela visão. Assim, a qualidade do espaço é medida pela sua temperatura, sua iluminação, seu ambiente, e o modo pelo qual o espaço é servido de luz, ar e som deve ser incorporado ao conceito do espaço em si.»

Louis Kahn

O objetivo primordial do projeto foi responder ao contexto intensamente democrático ao qual a arte está inserida atualmente. Para isso, foi pensado um programa de múltiplas atividades e áreas propiciadoras de grande interação entre os usuários. Vãos livres para exposições e realizações de oficinas, salas de aula de diferentes tipos de arte integradas entre si, varanda para alongamentos conjuntos, rádio-escola e *lounge* dos estudantes são algumas soluções encontradas para proporcionar a divulgação de trabalhos e o compartilhamento de informações entre alunos, professores e visitantes da escola.

Por se tratar de um equipamento com forte cunho social e implantado em um entorno voltado para o lazer das mais diversas classes, a fluidez e a permeabilidade foram características marcantes no desenho do edifício. Este configura-se não apenas como uma escola, mas como um espaço aberto, de passagem e visitação, onde o público é bem-vindo e entra em contato direto com a produção artística do local. Os pilotis e as grades recolhidas durante o dia permitem grande liberdade de deslocamento no lote. Além disso, a natureza marca fortemente esses caminhos e proporciona espaços de contemplação e relaxamento.

As idéias mais fortes do projeto formam o seguinte tripé:

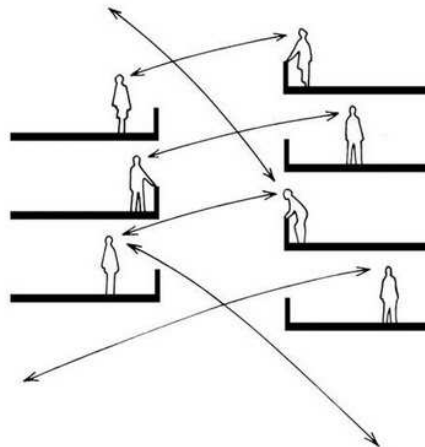
1.INTERAÇÃO

A interação entre diferentes interesses artísticos e histórias de vida foi uma estratégia didática encontrada para potencializar o conhecimento e a expressividade entre alunos e professores, e para tentar resolver questões sociais e econômicas em uma sociedade ainda bastante desigual e preconceituosa.



2.VISIBILIDADE

A arte deve ser apreciada, seja o seu processo de criação ou o resultado final. É importante que os alunos e visitantes entrem em contato direto com a produção, pois a repercussão dá prosseguimento a novas criações e ao crescimento do artista. Além disso, uma edifício com elevado grau de visibilidade proporciona mais encontros e segurança.



3.FLUIDEZ

A fluidez do edifício aumenta a visitação, pois oferece um trajeto alternativo agradável ao pedestre, de um lado a outro do quarteirão. Volumes soltos e espaços livres aliados a pés-direito variáveis, jardins e jogos de luz natural conferem liberdade de trajetos pelo terreno e tornam o espaço dinâmico e cheio de surpresas.



5.1- o projeto

O programa diversificado confere à escola grande riqueza em produções artísticas e desperta maior interesse dos alunos e visitantes pelo espaço. A Futuro das Artes dispõe de salas de aula de música, dança, artes cênicas e plásticas, espaço circo, administração, biblioteca, loja, lounge com café e cantina. Apresenta ainda espaços de celebração do que foi aprendido nas aulas: teatro, anfiteatro, auditório e múltiplas áreas de exposição.

SALAS DE AULA

Embora questões acústicas condicionem a disposição de algumas salas da mesma tipologia próximas entre si, foi priorizada a máxima integração possível entre os diferentes tipos de aula. Varandas e mezaninos configuram-se também como espaços didáticos.

LAB. DIGITAL	41,3m²	MEZANINO A. PLÁSTICAS	43,51m²
A. PLÁSTICAS 1	48,9m²	MÚSICA 1	11,86m²
TEORIA A. PLÁSTICAS	41,3m²	MÚSICA 2	12,44m²
TEORIA A. CÊNICAS	41,3m²	MÚSICA 3	11,15m²
CORAL	61,6m²	MÚSICA 4	18,47m²
A. CÊNICAS 1	58,22m²	MÚSICA 5	19,68m²
DANÇA 1	60,38m²	MÚSICA 6	19,03m²
DANÇA 2	67,87m²	ENSAIO MUSICAL	75m²
OFICINAS TEMPORÁRIAS	51,9m²	S. DESENHOS/ENSAIOS	108,49m²
DANÇA 3	109m²	TÉCNICAS CORPÓREAS	67,97m²
OFICINAS TEMPORÁRIAS	51,9m²	TEORIA MUSICAL	50,56m²

ESPAÇO CIRCO

Amplamente aberto, é destinado à prática de algumas atividades circenses, como malabarismo, pernas de pau e panos. Apresenta pé direito duplo e seu único mobiliário fixo é a cama elástica.

178,92m²

BIBLIOTECA/SALA DE LEITURA

Aberta também à comunidade para empréstimos de livros e uso de computadores, oferecerá exemplares com variados temas.

220,00m²

TEATRO

Para oferecer aos alunos qualidade profissional, o teatro dispõe de projeto acústico, que será mostrado a seguir. Seu programa conta com foyer, 5 camarins, palco com área de 128m² e caixa cênica com altura de 8m. Com 220 lugares (3 para deficientes físicos), é acolhedor e trabalhado em materiais que permitem público vindo da praia.

PALCO E PLATÉIA	317,75m²	CAMARIM 3	25,45m²
FOYER	115m²	CAMARIM 4	12,40m²
CABINE DE CONTROLE	7,60m²	CAMARIM 5	18,92m²
WCS FOYER	31,60m²	WCS CAMARINS	37,84m²
CAMARIM 1	12,40m²	DEPÓSITO	18,94m²
CAMARIM 2	12,40m²		

EXPOSIÇÕES

Localizados em áreas abertas e de passagem, esses espaços bastante visíveis facilitam a divulgação de atividades e trabalhos produzidos na escola.

EXPOSIÇÃO 1	55,00m²	EXPOSIÇÃO 3	128,00m²
EXPOSIÇÃO 2	166,00m²		

LOJA

Espaço para venda de cd's, dvd's, livros e produtos feitos na escola, além de expor obras de artistas preferencialmente cearenses.

81,15m²

ADMINISTRAÇÃO

RECEPÇÃO	56,11m²	ALMOXARIFADO	17,80m²
SALA DOS PROFESSORES	39,84m²	COPA	18,92m²
DEPTO. DE PUBLICIDADE	9,46m²	SALA DE REUNIÕES	31,97m²
SUB-DIRETOR 1	7,76m²	WCS ADMINISTRAÇÃO	34,30m²
SECRETARIA 1	8,36m²	DEP. DE MATERIAL LIMPEZA	18,92m²
SUB-DIRETOR 2	7,76m²	APOIO SERVIÇO	19,96m²
SECRETARIA 2	8,36m²	WCS/VESTIÁRIOS	61,76m²
DIRETOR GERAL/WC	19,52m²		

ALONGAMENTOS/LUTAS

Constitui-se em uma varanda com vista para o mar, onde são realizadas aulas de luta e alongamentos conjuntos de alunos da dança, coral e artes cênicas antes de iniciarem as suas atividades.

224,70m²

ESTÚDIO/RÁDIO ESCOLA

Espaço tratado acusticamente para gravações musicais, ensaios, oficina de sonoplastia e divulgação das atividades da escola. Constitui-se como um incentivo aos músicos e fortalece a identidade da escola.

82,72m²

AUDITÓRIO

Apresenta 94 lugares (dentre eles, 2 para deficientes físicos), e é destinado para pequenas apresentações, palestras, exposições de filmes e aulas teóricas gerais. Essas seriam aulas básicas mensais destinadas a todos os alunos, para promover o conhecimento e interesse nas outras tipologias entre eles.

89,12m²

ANFITEATRO

O espaço aberto, que também recebeu tratamento acústico, apresenta média de 100 lugares e palco de 33m².

110,00m²

LOUNGE/CAFÉ

Local de encontros e inspiração, onde se desfruta do som do piano e de uma vista privilegiada para o mar. Contará com sofás, puff, mesas e revistas informativas sobre arte. Poderá abrigar coquetéis de lançamentos e exposições temporárias.

141,00m²

CANTINA/COZINHA

24,35m²

5.2- o programa



A análise do entorno gerou conclusões indispensáveis para a espacialização dos ambientes da escola. Os trajetos priorizados no interior do edifício são entre a praça, a Av. Dioguinho e a praia, visto que a primeira é o principal acesso à escola, e os dois últimos são áreas de lazer bastante requisitadas. O estacionamento, administração e serviço do teatro foram locados fora desses trajetos, na área de menor interesse do terreno. O teatro, por questões administrativas, foi locado próximo a esses, e, para obter maior visibilidade e atrair o público, tem seu foyer voltado para a praia.

As visuais valorizadas foram, obviamente, a praia e a Praça do Futuro, o que condicionou o posicionamento das salas de aula nessas duas direções. A orientação poente da praça exigiu soluções como brises, empenas e varandas para garantir o conforto ambiental dos ambientes internos. A biblioteca, aberta à comunidade, é voltada para a Avenida Dioguinho e para o interior da escola, de maneira a atrair a visita dos pedestres e alunos. O anfiteatro também tem seu entorno bastante favorável, conectando-se diretamente com a Praça do Futuro, com a área livre da escola e com a praia.



Fig. 56: Idéias iniciais

O dinamismo na forma do edifício e a considerável permeabilidade foram soluções encontradas para despertar a atenção e curiosidade de quem passa por perto. Grandes balanços, panos de vidro, passarelas, mudanças de pé-direito, jogos de luz natural, volumes intercalados e cobertura curva compõem um espaço propiciador de surpresas e interações. O uso da madeira em brises foi determinado pelo desejo de dar um aspecto praiano ao edifício; o vidro foi largamente utilizado, pois a visibilidade exterior e interior dos ambientes é de extrema importância para a dinâmica da escola. A cor branca e tons de cinza imprimem ao edifício leveza e claridade, além de evitarem o ofuscamento das obras em exposição ao longo dos trajetos. As cores foram usadas apenas pontualmente, para destacar volumes considerados plasticamente interessantes, como a escada helicoidal, a rampa, e as salas de aula que sacam da fachada.

No edifício predominam lajes nervuradas apoiadas sobre vigas de altura 0,6m. Os pilares, de concreto, estão espaçados em 6m, e, quando rompido o módulo, foram utilizadas vigas em concreto protendido para vencer maiores vãos. Para tornar possível o balanço de 7,5m das salas de aula da fachada oeste, foi pensada a disposição de um tirante e uma mão francesa de concreto que, embutidos na alvenaria de 0,3m, vencerão os esforços de tração incidentes nas vigas em balanço. A viga da laje de cobertura, que sustenta o balanço em 3m, é de concreto protendido e tem altura de 1,65 para vencer grandes vãos (fig. 61). Solução similar foi pensada para a rádio-escola, cujo balanço é de 6m. Na cobertura curva e no teatro utilizou-se estrutura metálica espacial de altura 1m, apoiada em pilares de concreto.



Fig. 60: Croqui da entrada principal/biblioteca

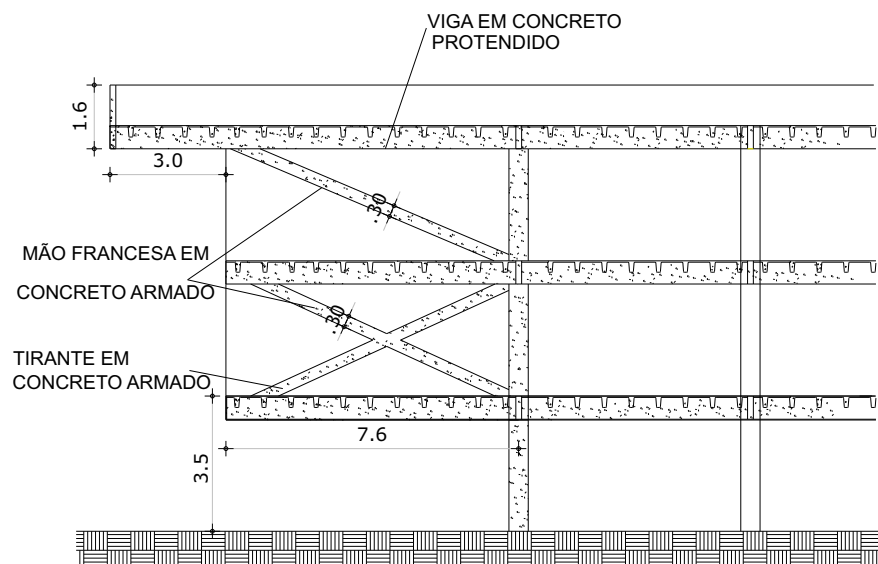


Fig. 61: Detalhe estrutural da fachada sudoeste-sem escada.

A importância da qualidade acústica dos ambientes de aula e o desejo pessoal de aprofundar meus conhecimentos na área impulsionaram a realização desse detalhamento do projeto. Serão aqui abordados o teatro, anfiteatro, auditório, salas de música e o estúdio de gravação.

As salas de música (individuais e em grupo) e coral dispõem de paredes duplas com painel de lã de vidro de alta densidade, dentre as quais duas delas apresentam inclinação de 7° , o que possibilita a distribuição homogênea do som, sem pontos mudos ou intensos além do normal. As outras paredes não demandam inclinação, pois além de terem menores áreas, apresentam esquadrias que quebram a indesejada uniformidade da superfície. A localização das salas individuais de música no último pavimento facilitou a disposição de forros mais altos, o que acrescentou em seu volume. Esse aspecto é bastante relevante, visto que o volume destas deve exceder 30m^3 , devido à necessidade de oxigenação do ar, em se tratando de ambientes fechados. Além disso, com o forro em lambris de madeira inclinado em relação ao piso, o paralelismo foi completamente evitado dentro da sala.

No estúdio de gravação, a região do aquário foi dotada de parede secundária de concreto celular, que evita o paralelismo e potencializa o isolamento acústico do ambiente. O forro, também inclinado, é em lambris de madeira; as portas são compostas por painel de gesso acartonado sobre lã de rocha de alta densidade, revestidas com laminado de madeira.

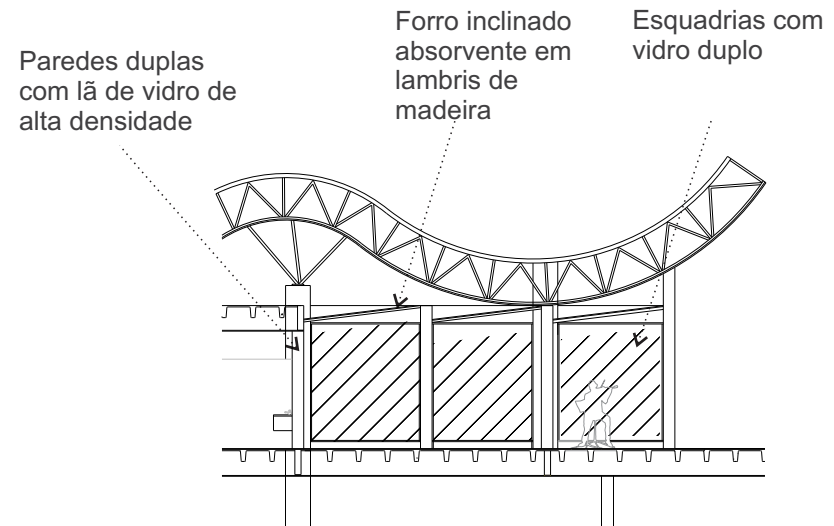


Fig.62: Salas de aula de música-sem escala

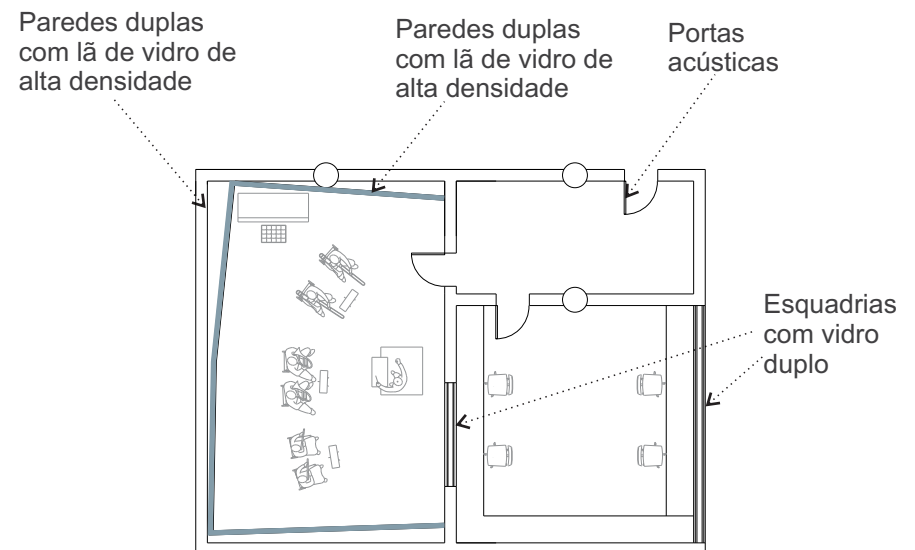


Fig.63: Planta-Estúdio de gravação/Rádio escola-sem escala

O formato do auditório favorece a boa audibilidade e evita ecos, pois a platéia está próxima do palco, distribuída em apenas 6 fileiras. O paralelismo das paredes é quebrado pelo revestimento ondulado, e o forro recebe dois reforços com placas refletoras.

O anfiteatro foi direcionado no sentido do vento, para que os sons cheguem naturalmente até a platéia. O muro em concreto revestido por plantas absorve o som vindo da rua, e do outro lado, favorece a reflexão do som ao público. A placa em fórmica sombreia o palco e reforça a audibilidade para as últimas fileiras.

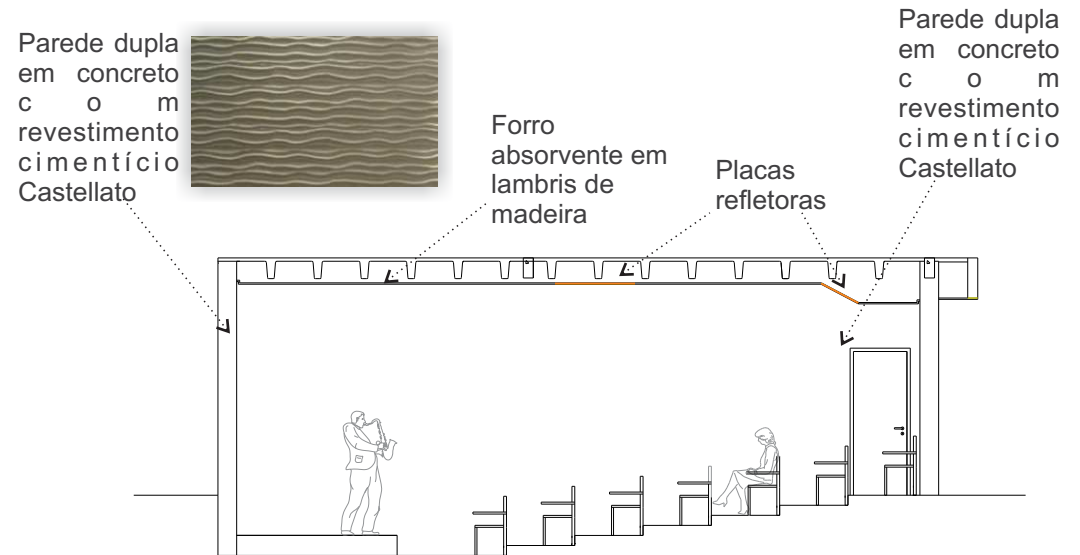


Fig.64: Corte Longitudinal-Auditório-sem escala

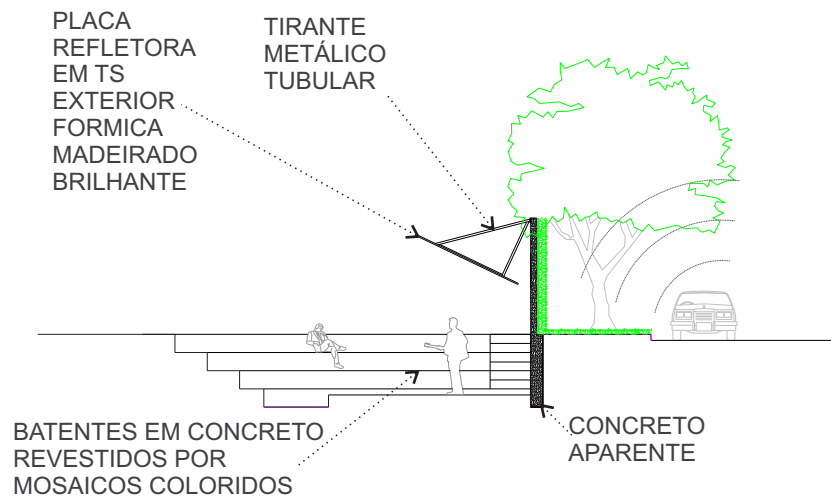


Fig.65: Corte Anfiteatro-sem escala

5.5- projeto acústico da escola

O teatro da Escola Futuro das Artes, despojado e aconchegante, apresenta formato favorável para a qualidade acústica, visto que não é muito extenso nem apresenta paredes paralelas. Aliado a essa vantagem, o projeto acústico, realizado através de cálculos e projeções que dão origem às placas refletoras, vem garantir a boa audibilidade do recinto.

Para o início das cálculos, deve-se analisar os ruídos externos - principalmente o tráfego de carros - a fim de que estes possam ser isolados pela envoltória do edifício. Posteriormente, deve-se fazer a distribuição dos ruídos internos de modo a equilibrá-los, distribuindo-os de forma adequada dentro do ambiente através de materiais com alto desempenho acústico - sejam refletores ou absorventes - e/ou utilizando-se das próprias características arquitetônicas do teatro.

Memorial de Cálculos

1. Controle dos ruídos externos:

$$L = 52 + 10 \cdot \log Q/d + C_v + C\% + C_i$$

d= distância até a borda da calçada= 11m

Q= número de veículos por hora= 30 veículos/ hora

C_v= correção em dB devido à velocidade média de circulação 40km/h= 0dB

C%= correção em dB devido ao percentual de veículos pesados 5%= 0dB

C_i= correção em dB devido à inclinação longitudinal da via= +1dB

$$L = 52 + 10 \cdot \log (30/11) + 0 + 0 + 1$$

$$L = 52 + 10 \cdot \log 2,73 + 1 = 52 + 0,4 + 1 \approx \mathbf{54 \text{ dB}}$$

2. Controle dos ruídos internos:

O ruído interno aceitável em um auditório/teatro é 35dB. Assim:

$$\text{Ruído externo} - \text{ruído interno} = \text{ruído a ser isolado}$$

$$54\text{dB} - 35\text{dB} = \mathbf{19\text{dB}}$$

3. Distribuição do nível sonoro:

No ambiente em questão, há diversas possibilidades de fontes sonoras.

Dentre elas, a voz é a fonte de menor nível sonoro, por isso será utilizada nos cálculos a seguir:

Potência da voz: 50μw

Cálculo da intensidade:

Sendo a distância (d) do meio do palco até a primeira fila = 8m, temos:

$$i = \text{Pot}/(4\pi d^2)$$

$$I = 50 \cdot 10^{-6} / (12 \cdot 8^2) = 50 \cdot 10^{-6} / 768 = 0,065 \cdot 10^{-8}$$

Cálculo do nível sonoro:

$$NS = 10 \cdot \log 6,5 \cdot 10^{-8} / 10^{-12}$$

$$NS = 10 \cdot \log 5,1 \cdot 10^{-8} \cdot 10^{12}$$

$$NS = 10 \cdot \log 5,1 \cdot 10^4$$

$$NS = 10 \cdot (0,7 + 4) \approx 47\text{dB}$$

Fileira	Nível sonoro
1	48dB
2	47dB
3	46dB
4	45dB
5	44dB
6	44dB
7	43dB
8	42dB
9	42dB

4. Reverberação sonora:

$$T_{ótimo} = k \cdot \sqrt{\text{volume}}$$

Sendo $k = 0,075$ para a voz humana:

$$T_{ótimo} = 0,075 \cdot \sqrt{1789}$$

$$T_{ótimo} = 0,075 \cdot 12,14$$

$$T_{ótimo} = \underline{\underline{0,91s}}$$

5. Variação do tempo ótimo:

Frequência (Hz)	Tótimeo mínimo	Tótimeo máximo	Tótimeo (s)	Variação do Tótimeo (s)	
				mín	máx
125	1.1	1.8	0.91	1.00	1.98
500	1.0	1.2		0.91	1.09
2000	1.0	1.1		0.91	1.00

6. Variação da absorção:

Frequência (Hz)	Variação da absorção	
	absorção 1	absorção 2
125	286.2	144.6
500	314.5	262.6
2000	314.5	286.2

7. Tabela dos materiais e áreas de absorção:

Os materiais do teatro foram selecionados de forma a criar um ambiente despojado e apto para receber público vindo da praia. Os carpetes e poltronas acolchoadas foram dispensados para facilitar a manutenção do espaço, e substituídos por piso em cimento queimado e poltronas em fibra de vidro, que também oferecem conforto ao público.

LOCAL	ÁREA (m²)	MATERIAL	FREQUÊNCIA 125Hz		FREQUÊNCIA 500Hz		FREQUÊNCIA 2000Hz	
			coef. α	$\alpha \cdot S$	coef. α	$\alpha \cdot S$	coef. α	$\alpha \cdot S$
Piso do teatro	193	cimento queimado	0,01	1,93	0,012	2,32	0,012	2,316
Piso do palco	147	réguas de madeira com espaço livre por baixo	0,4	58,80	0,2	29,4	0,15	22,05
Parede de fundo	78	réguas de madeira colada	0,04	3,12	0,06	4,68	0,1	7,8
Paredes laterais	227,6	concreto aparente	0,01	2,276	0,012	2,7312	0,012	2,7312
Cortina	140,4	cortina de algodão esticada, c/dobras em 75% de sua área	0,04	5,62	0,4	56,16	0,53	74,412
Teto refletor	127,3	forro de gesso	0,02	2,546	0,03	3,819	0,05	6,365
Teto absorvente	91,7	forro removível em madeira	0,08	7,336	0,06	5,502	0,06	5,502
Esquadrias	9,02	madeira maciça	0,14	1,26	0,06	0,54	0,1	0,902
Cadeiras	*	fibra de vidro	*	*	*	*	*	*
Pessoas sentadas	172 + 3**	—		175,00		175,00		175,00
TOTAL				257,89	TOTAL	280,15	TOTAL	297,08

* Não serão considerados para os cálculos
** Fontes sonoras no palco

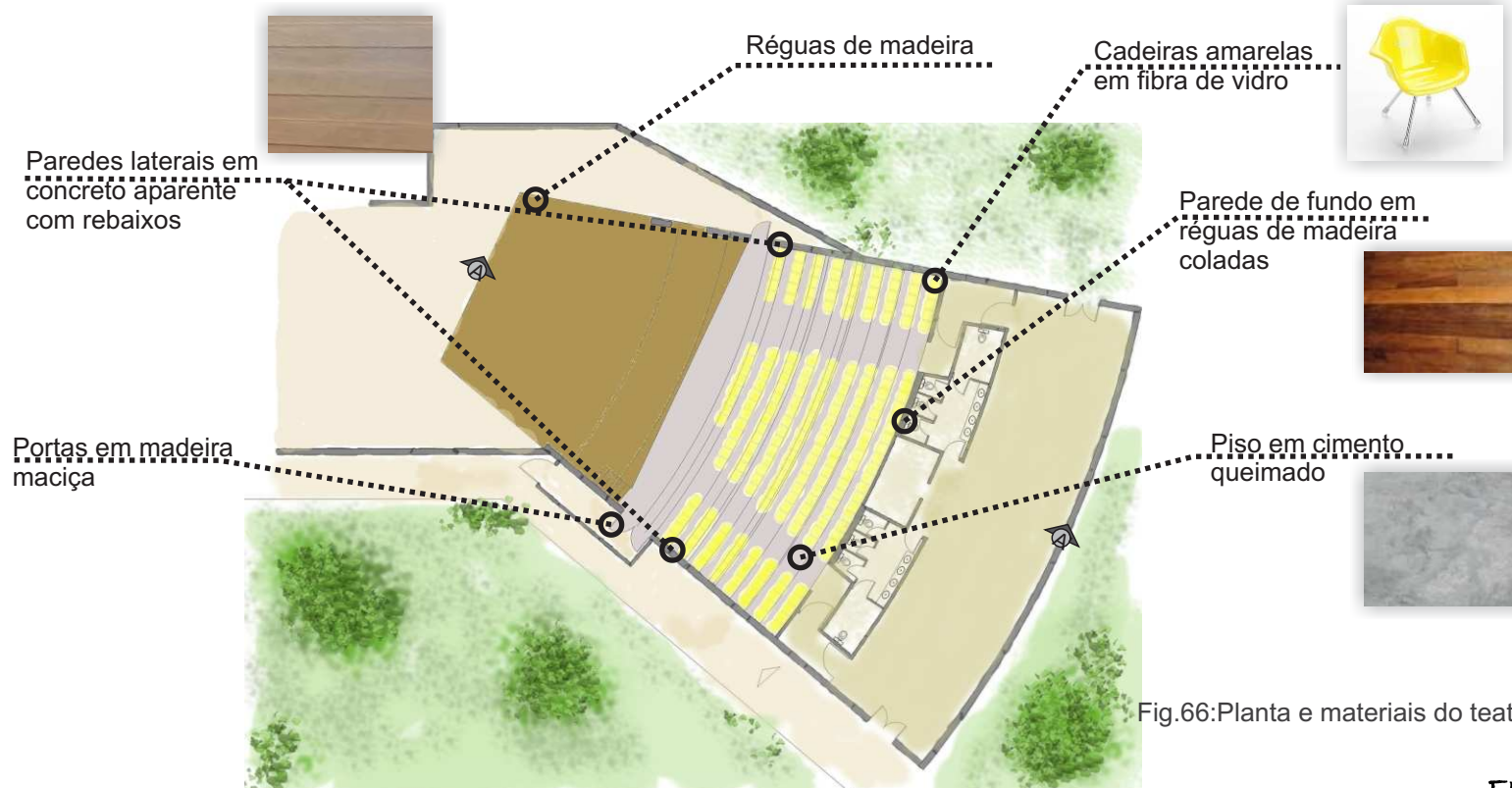


Fig.66:Planta e materiais do teatro-sem escada

8.Placas refletoras:

8.1. Para fonte localizada no meio do palco

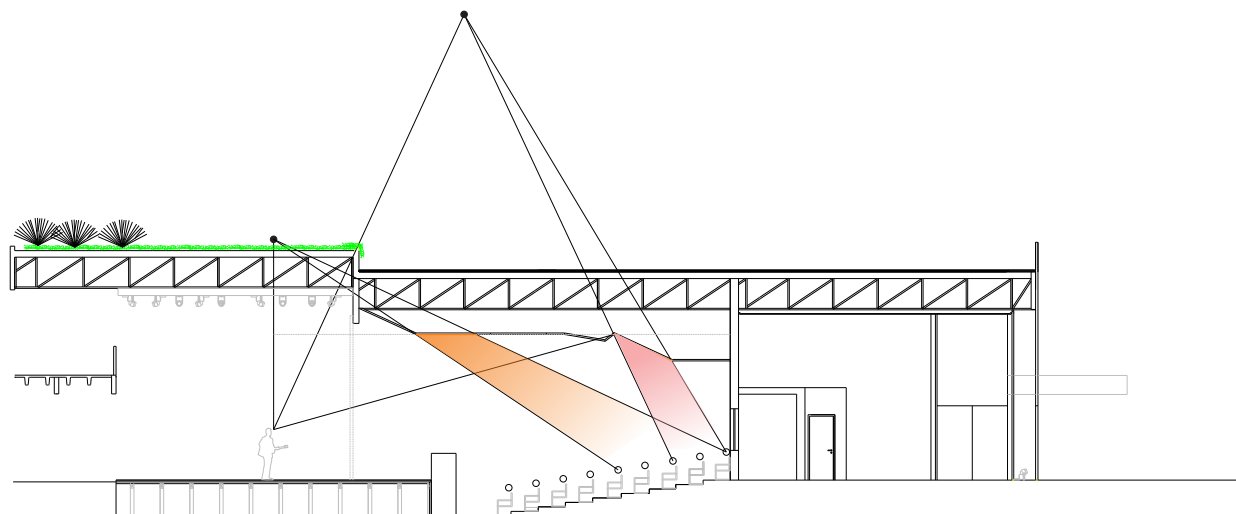


Fig.67:Corte AA -posicionamento das placas refletoras-sem escala

8.2. Para fonte localizada no proscênio

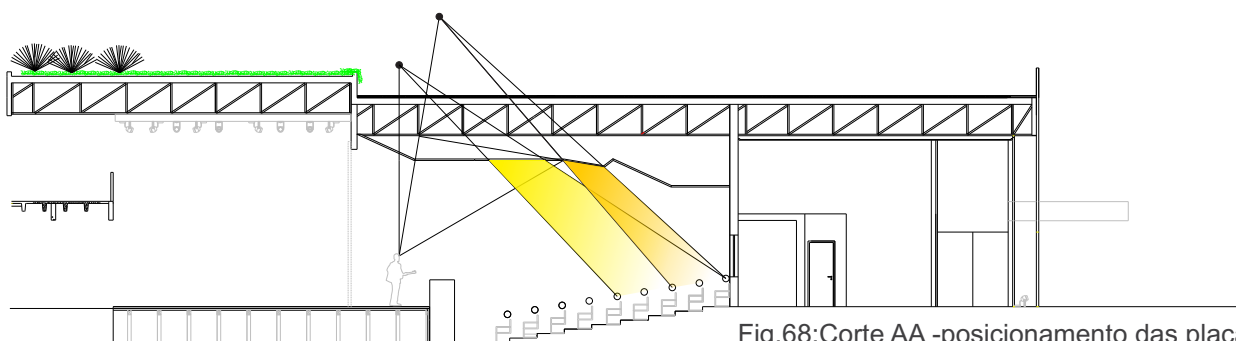


Fig.68:Corte AA -posicionamento das placas refletoras-sem escala

5.6- projeto acústico do teatro

Através de cálculos dos níveis de absorção para três frequências distintas, foi possível a escolha de materiais adequados para garantir o tempo de reverberação ótimo. Aliados à um edifício com forma favorável, ao piso flutuante para evitar impactos da laje de cima, e às placas refletoras de reforço, foi propiciada a qualidade acústica exigida para tal equipamento. Dessa forma, o projeto proposto garantirá a boa audibilidade para todos os usuários do teatro.

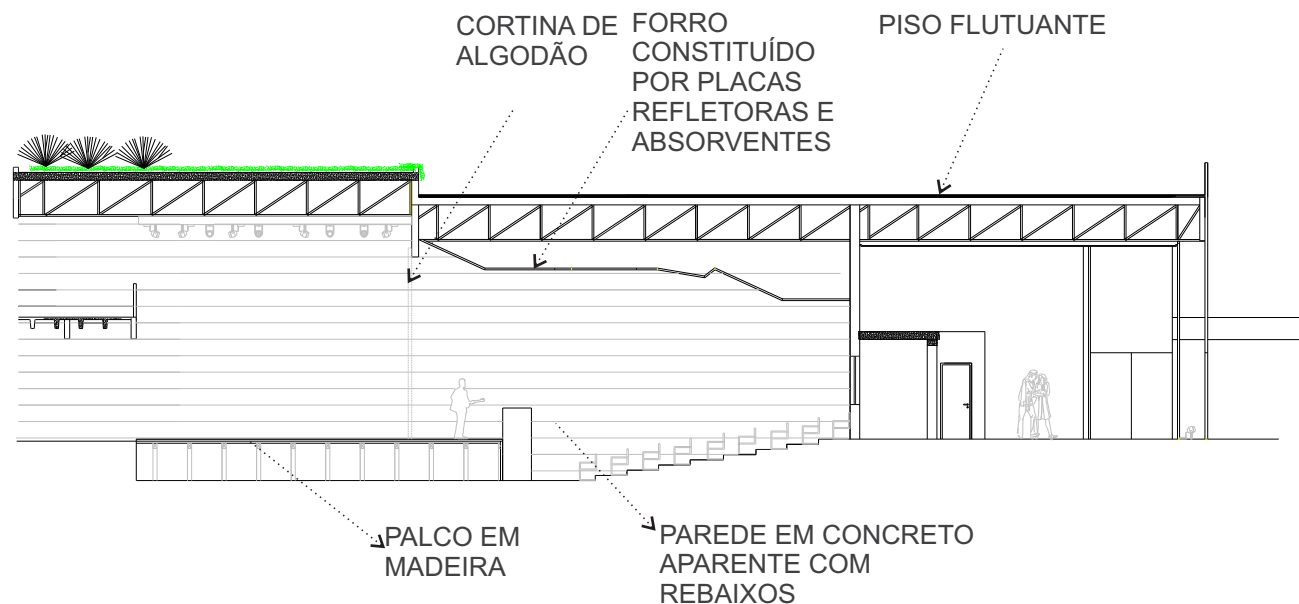


Fig 69: Corte AA: Teatro-sem escala

5.6- projeto acústico do teatro





Figs.70, 71 e 72: Entorno

5.7- perspectivas



Fig. 73: Fachada Sudoeste

5.7- perspectivas



Fig. 74: Fachada Sudoeste/ Noroeste

5.7- perspectivas

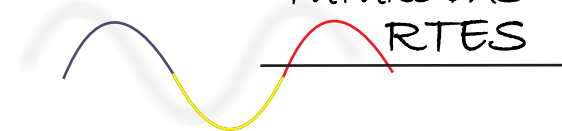




Fig. 75: Fachada Noroeste

5.7- perspectivas



Fig. 76: Fachada Nordeste



Fig. 77: Anfiteatro

5.7- perspectivas



Fig. 78: Espaço Circo

5.7- perspectivas



Fig. 79: Vista interna: espaço de exposições



Fig. 80: Vista interna para o mezanino de artes plásticas e sala de dança.

5.7- perspectivas

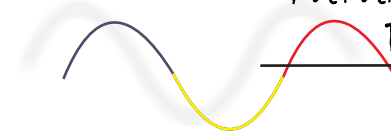


Fig. 81 Vista interna do último pavimento.



Fig. 82: Teatro 1

5.7- perspectivas



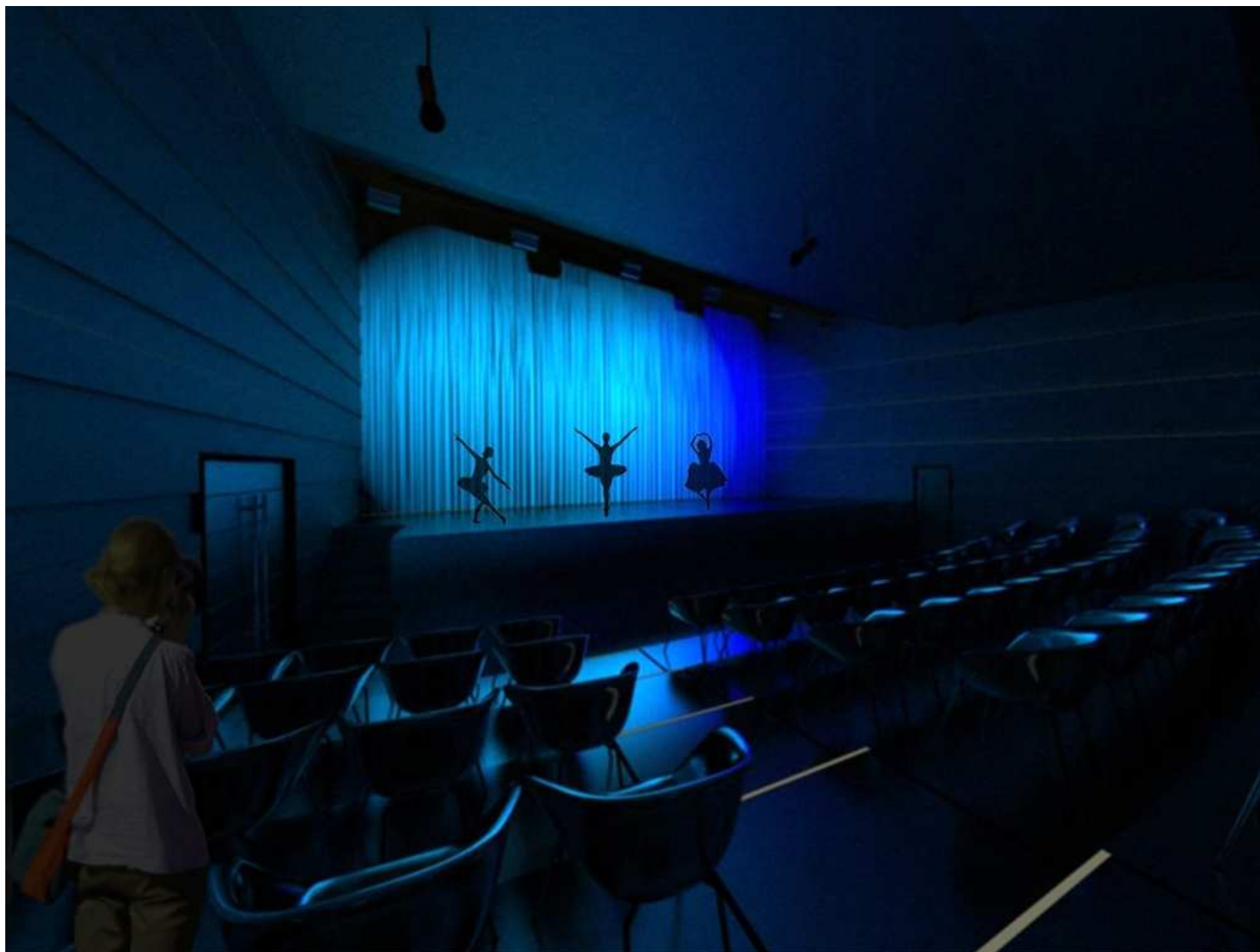


Fig. 83: Teatro 2

Acredito que o estudo aqui desenvolvido, tanto no campo teórico como no projetual, foi pertinente no sentido em que propôs uma alternativa de edifício viável e coerente a partir de uma reflexão acerca da realidade.

Através dos conceitos de interação, visibilidade e fluidez, foi criada uma nova concepção de escola como resposta a um contexto democrático, complexo e ímpar na história da arte . A interação entre as salas de aula diversificadas em tipologias gera resultados surpreendentes através de trocas enriquecedoras entre os alunos; as exposições abertas e a visibilidade das atividades provoca curiosidade e envolvimento dos visitantes. Tais características proporcionarão, dessa forma, um espaço de novas experimentações artísticas dentro de um bairro e cidade carentes em equipamentos desse porte.



6-conclusão



7-bibliografia

-ALEX, Sun. O Projeto da Praça: O convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

-ARGAN, Giulio Carlo. Arte moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

-CARVALHO, Régio Paniago. Acústica Arquitetônica: 2ª Edição revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2010.

-DANTO, Arthur C. Após o fim da arte: A arte contemporânea e os limites da história. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

-GULLAR, Ferreira. Argumentação contra a morte da arte. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2005.

-HOLANDA, Armando de. Roteiro para construir no Nordeste. Pernambuco: IAB-PE/MDU-UFPE, 2010.

-JANSON, H.W. e JANSON, Anthony. Iniciação à história da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

-MAHFUZ, Edson da C. Ensaio sobre a razão compositiva. Belo Horizonte: UFV/AP, 1995

-PEQUENO, Luiz Renato Bezerra. Como anda Fortaleza. – Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2009.

-Oficina Arquitetura Cênica- Projeto Multinacional de Arte-Projeto Resgate e Desenvolvimento de Técnicas Cênicas- Centro de Artes Cênicas-CTAC/Funarte-4ª edição –Rio de Janeiro-RJ.

-PRONK, Emile. Dimensionamento em Arquitetura: 7ª Edição. Paraíba: Editora Universitária, 2003.

Sites:

www.secult.ce.gov.br/equipamentosculculturais: acessado em 08/03/2012

<http://www.cultura.gov.br/site/2010/02/23/leis-de-incentivo-cultural/>: acessado em 16/03/2012

http://www.formica.com.br/produtos/pro_tse_xterior.htm: acessado em 18/04/2012

<http://www.arqbacana.com.br/news/Complexo+Cultural+da+Luz,+de+Herzog+.e.+de+Meuron,+deve,+finalmente,+sair+do+papel> : acessado em 08/07/2012

<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/herzog-de-meuron-centro-cultural-sao-paulo-23-05-2012.html> : acessado em 09/07/2012

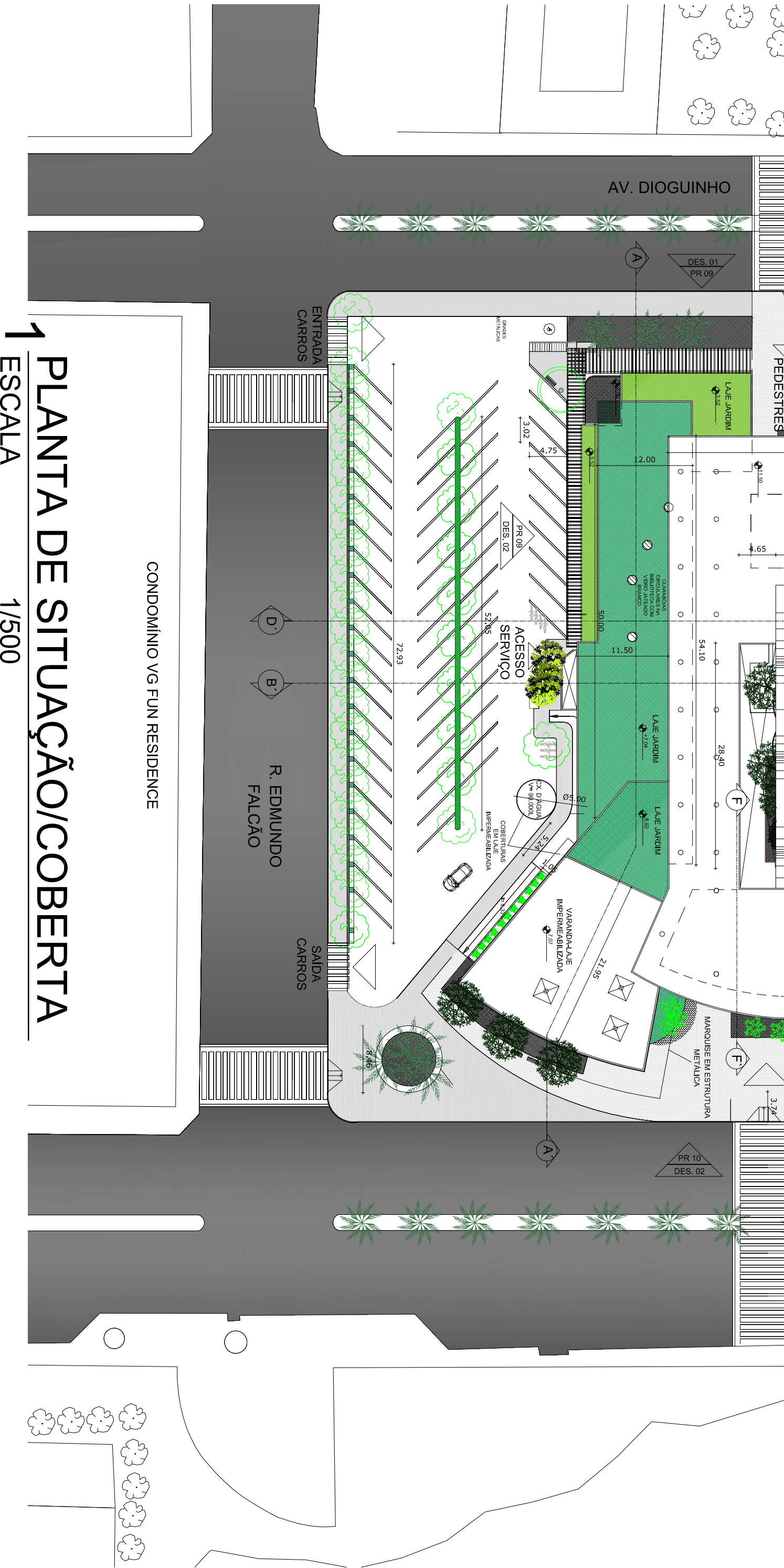
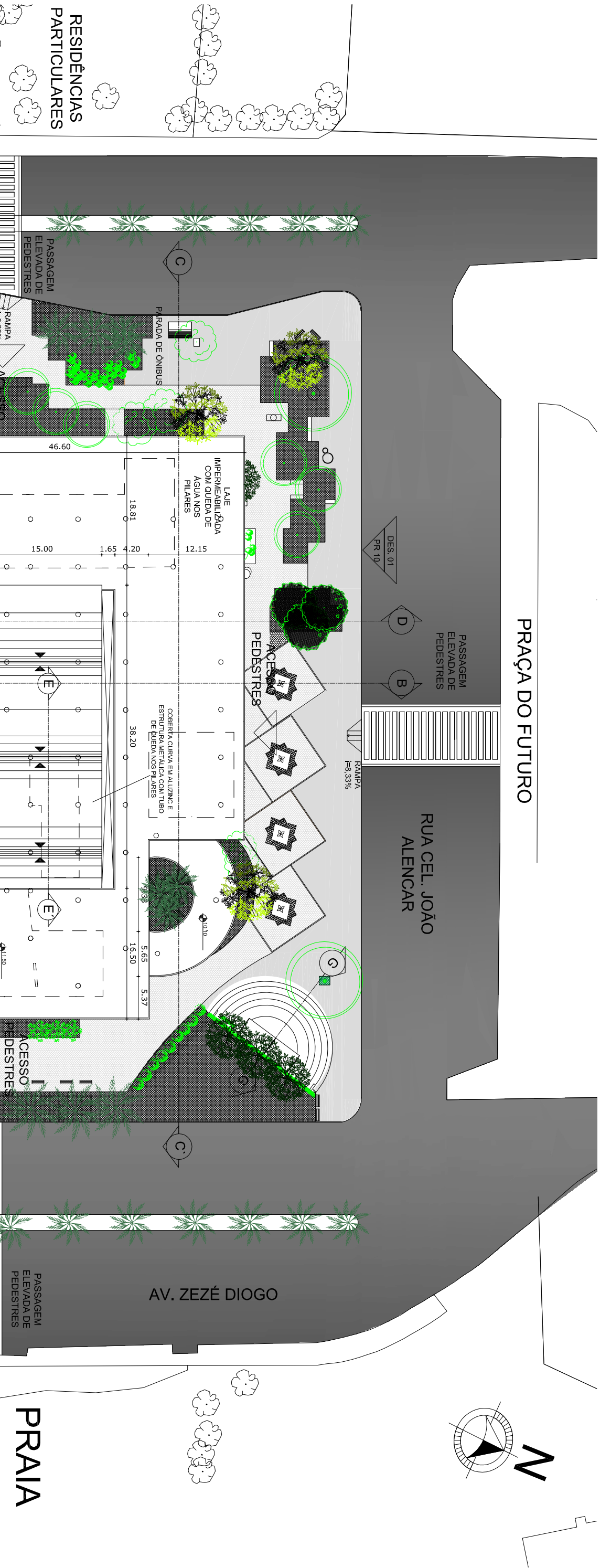
<http://www.archdaily.com.br/3783/centro-cultural-gabriela-mistral-cristian-fernandez-arquitectos-e-lateral-arquitectura-diseno/>: acessado em 10/10/2012

Artigo:

JUNIOR, Pedro Itamar de Abreu. Praia do Futuro: Formas de apropriação do espaço urbano. Fortaleza, UFC, 2005



QUADRO DE ÁREAS	
ÁREA TOTAL CONSTRUÍDA	6.187m²
ÁREA DO TERRENO	9.872 m²
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	1.60
TAXA DE OCUPAÇÃO	43%
TAXA DE PERMEABILIDADE	37%
ÁREAS VERDES	3.613 m²



PLANTA DE SITUAÇÃO/COBERTA

1 ESCALA 1/500

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

QUADRO GERAL DE ESQUADRIAS				
	DIMENS.	MATERIAL	TIPO	
PORTAS				
P1	.80x2.20	MADEIRA	ABRIR-1 FOLHA	
P2	1.60x2.20	MADEIRA	ABRIR-2 FOLHAS	
P3	1.60x2.20	VIDRO	ABRIR-2 FOLHAS	
P4	.80x2.20	MADEIRA	VAIVEM	
P5	.90x2.20	VIDRO	ABRIR-1 FOLHA	
P6	.90x2.20	MADEIRA	ABRIR-1 FOLHA	
P7	.90x2.20	PORTA ACUSTICA-MADEIRA	ABRIR-1 FOLHA	
P8	.90x2.20	MADEIRA	ABRIR-1 FOLHA	
P9	.65x1.6	ALUMINIO	ABRIR-1 FOLHA	
P10	.90x1.6	ALUMINIO	ABRIR-1 FOLHA	
P11	.90x2.20	ALUMINIO	CORRER-1 FOLHA	
P12	.90x2.20	ALUMINIO E VIDRO	CORRER-2 FOLHAS	
P13	1.20x2.20	MADEIRA	ABRIR-1 FOLHA	
P14	1.35x2.50	VIDRO	VAIVEM- 2 FOLHAS	
P15	1.80x2.20	MADEIRA	PIVOTANTE	
JANELAS	LARG. X ALT.	PETITORIL	TIPO	
J1	2.80x1.80	1.00	ALUMINIO E VIDRO	PIVOTANTE HORIZONTAL
J2	1.40x1.80	1.00	ALUMINIO E VIDRO	PIVOTANTE HORIZONTAL
J3	5.72x.70	1.00	ALUMINIO E VIDRO	CORRER
J4	1.05x.70	0.00	ALUMINIO E VIDRO	FIXA EM "L"
J5	1.60x.70	1.15	ALUMINIO E VIDRO	CORRER
J6	.70x.60	2.00	ALUMINIO	VEZEMANAS
J7	4.00x.70	1.15	ALUMINIO E VIDRO	CORRER
J8	5.40x.70	1.15	ALUMINIO E VIDRO	CORRER
J9	1.80x.70	1.15	ALUMINIO	ABRIR-1 FOLHA
J10	.90x1.60	1.15	ALUMINIO	ABRIR-1 FOLHA
J11	5.20x2.73	0.10	ALUMINIO E VIDRO	FIXA
J12	3.45x2.73	0.10	ALUMINIO E VIDRO	FIXA
J13	2.50x1.80	1.15	VIDRO DUPLA	FIXA
J14	5.72x2.28	0.60	VIDRO DUPLA	FIXA
J15	1.40x1.40	1.00	VIDRO	FIXA
VITRAIS	LARG. TOTAL X ALT.	N° DIVISORES VERTICAIS	N° DIVISORES HORIZONTAIS	MATERIAL
V1	7.35x2.73	2	4	ALUMINIO E VIDRO
V2	8.35x2.73	2	4	ALUMINIO E VIDRO
V3	6.67x2.88	4	2	ALUMINIO E VIDRO
V4	9.20x2.88	5	2	ALUMINIO E VIDRO
V5	14.5x6.33	7	4	ALUMINIO E VIDRO
V6	7.10x2.88	4	2	ALUMINIO E VIDRO
V7	17.50x2.88	9	2	ALUMINIO E VIDRO
V8	15.00x2.88	8	2	ALUMINIO E VIDRO
V9	14.67x2.88	7	3	ALUMINIO E VIDRO
V10	10.70x2.88	5	2	ALUMINIO E VIDRO
V11	2.0x2.88	0	0	VIDRO DUPLA
V12	2.70x2.88	0	0	VIDRO DUPLA
V13	2.40x2.88	0	0	VIDRO DUPLA
V14	4.22x2.88	3	2	ALUMINIO E VIDRO
V15	2.40x2.88	0	0	ALUMINIO E VIDRO
V16	4.22x2.88	3	2	ALUMINIO E VIDRO
V17	3.76x2.88	0	0	ALUMINIO E VIDRO
V18	1.95x2.88	0	2	ALUMINIO E VIDRO
V19	26.70x7.00	3	10	ALUMINIO E VIDRO
V20	7.22x2.88	0	3	VIDRO
V21	12.04x2.88	0	4	VIDRO
V22	3.67x2.88	0	2	VIDRO
V23	8.60x2.88	0	3	VIDRO
V24	20.10x2.73	8	2	ALUMINIO E VIDRO

PRAÇA DO FUTURO

RUA CEL. JOÃO
ALENCAR

AV. DIOGUINHO

AV. ZEZÉ DIOGO

PRAIA

OCEANO
ATLÂNTICO

RESIDÊNCIAS PARTICULARES

CONDOMÍNIO VG FUN RESIDENCE

1 IMPLANTAÇÃO

ESCALA

1/500

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

ESCOLA FUTURO DAS ARTES (Praia do Futuro, Fortaleza, CE)

Aluna: Nekita Monteiro Farias

Orientador: Paulo Costa Neto

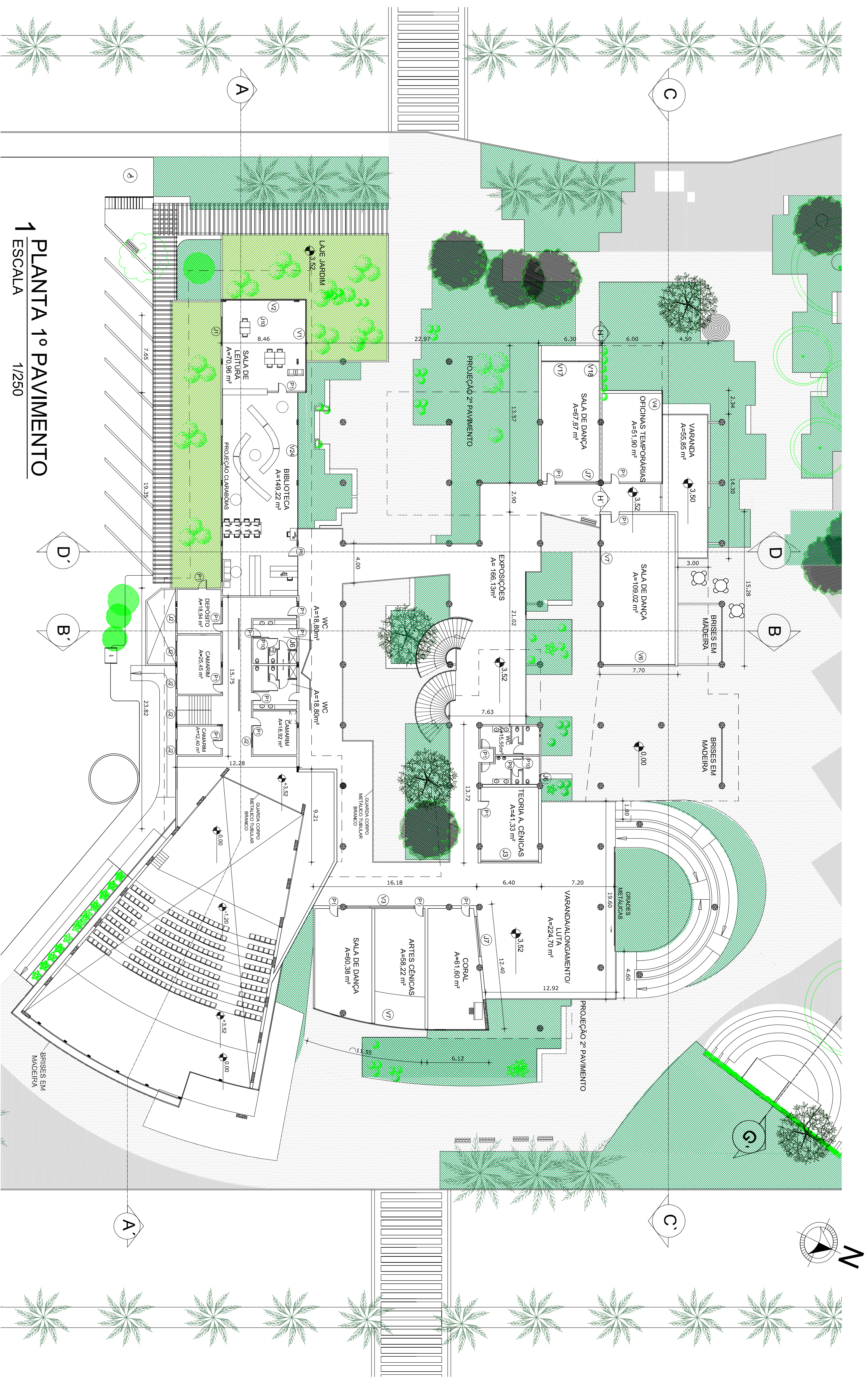
Conteúdo

Implantação

Data

Escala
Indicada

02/10



PLANTA 1º PAVIMENTO

1 ESCALA 1/250

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

ESCOLA FUTURO DAS ARTES (Praia do Futuro, Fortaleza, CE)

Aluna: Nekita Monteiro Farias

Conteúdo

Planta 10 Pavimento

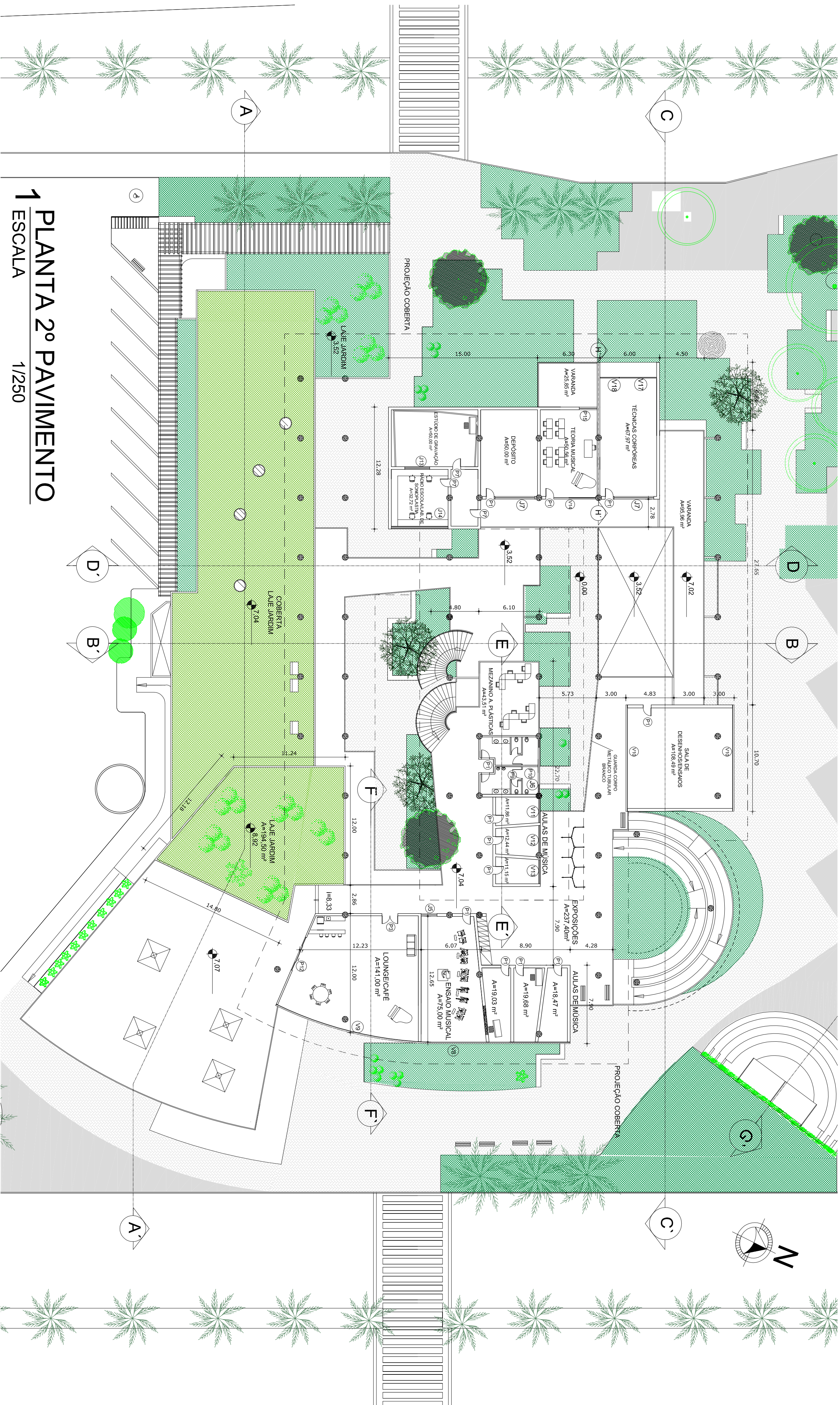
Orientador: Paulo Costa Neto

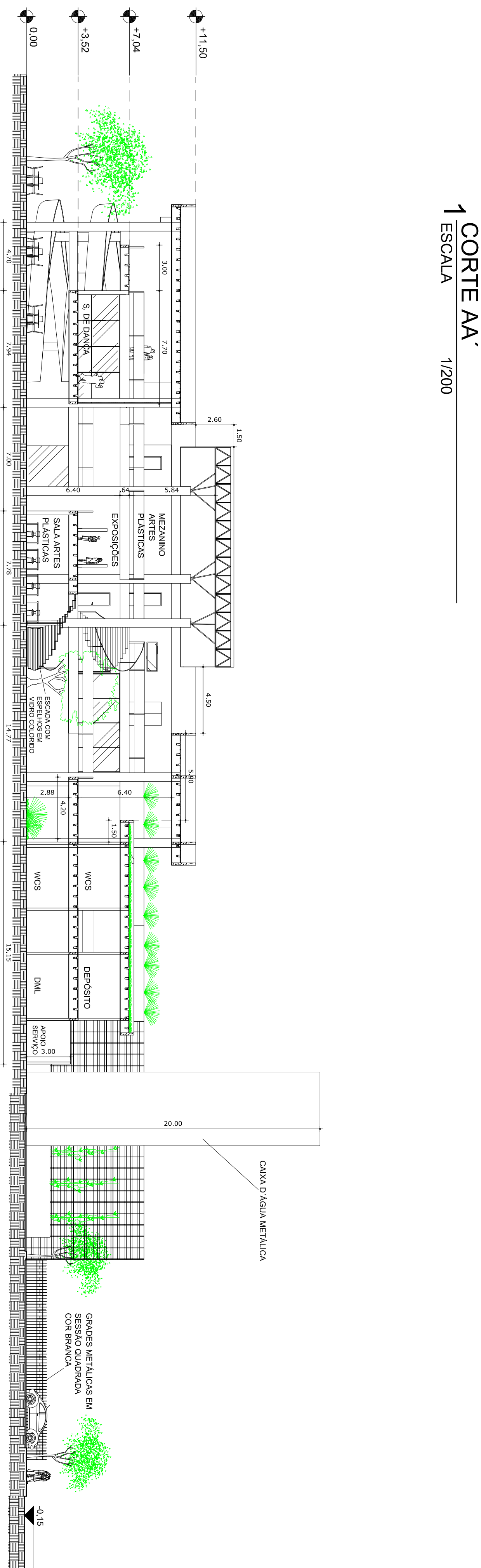
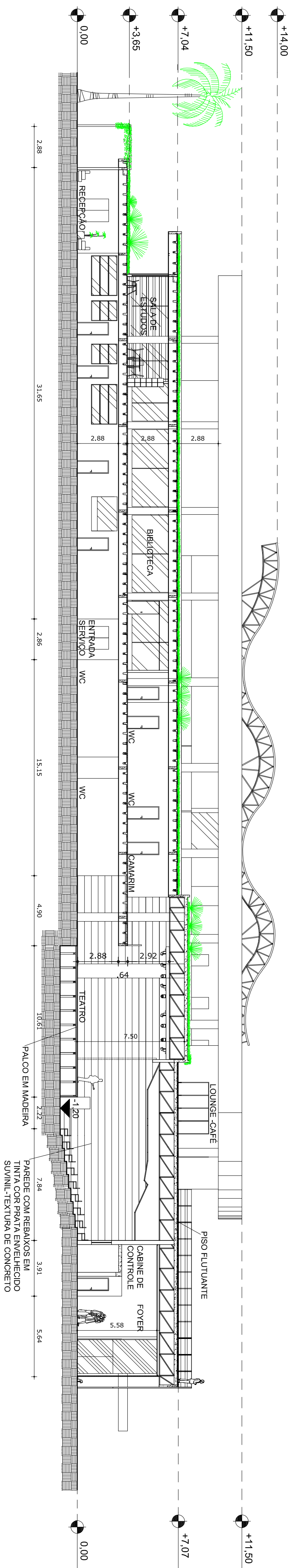
Data

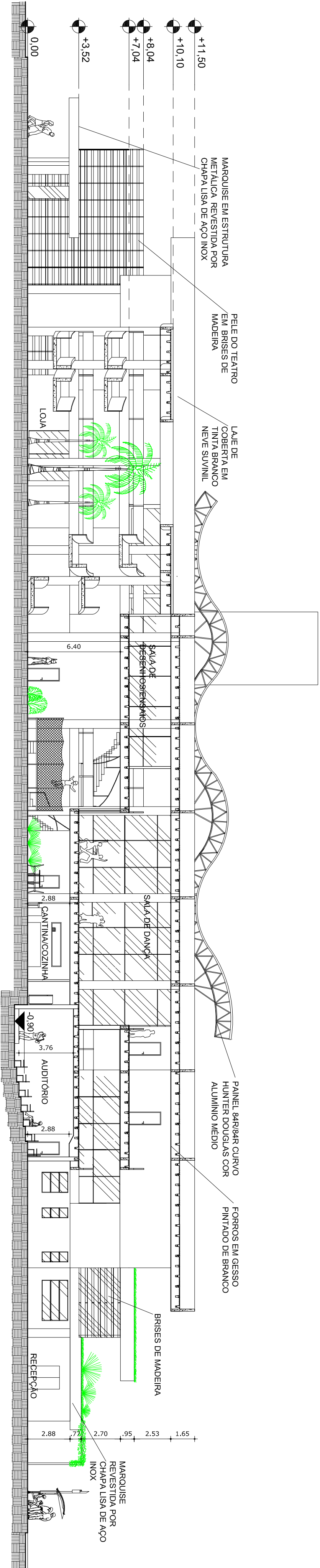
Outubro, 2012.

Escala Indicada

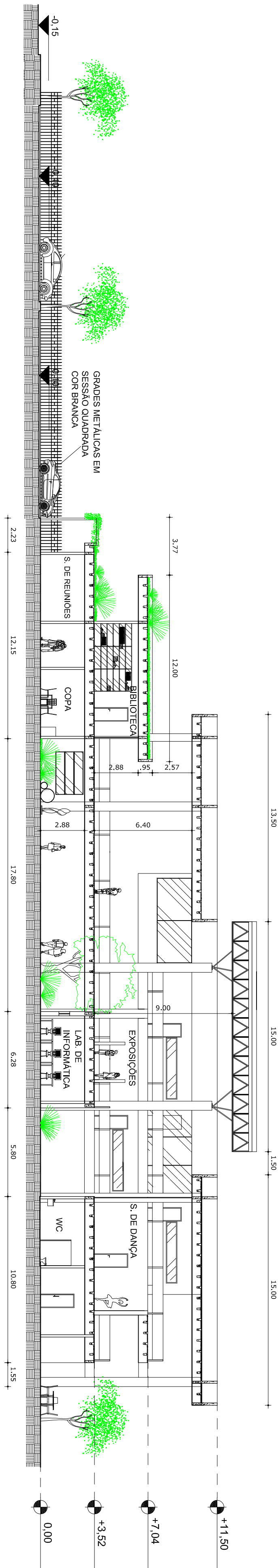
04/10



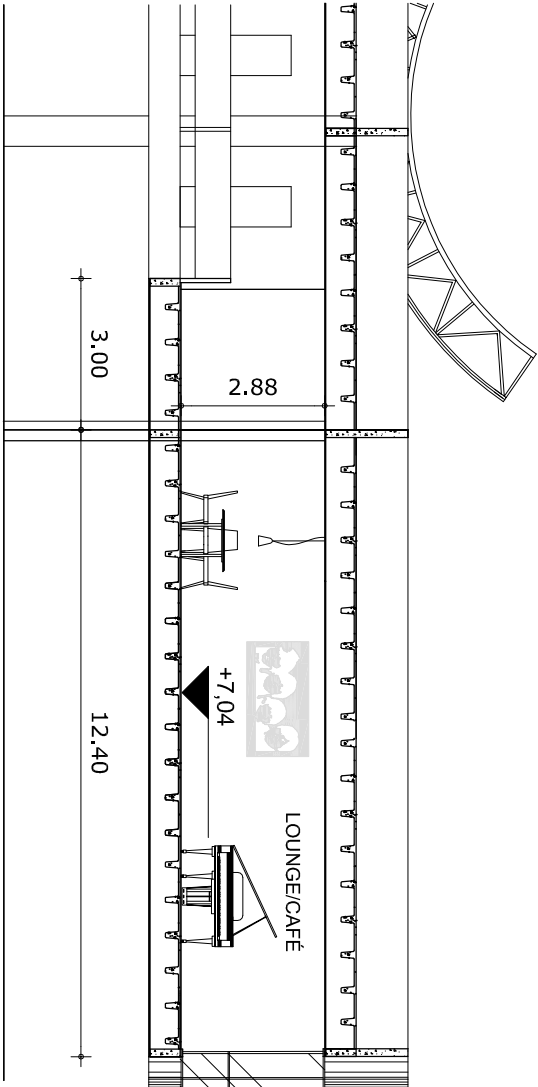




1 CORTE CC'
1 ESCALA 1/200



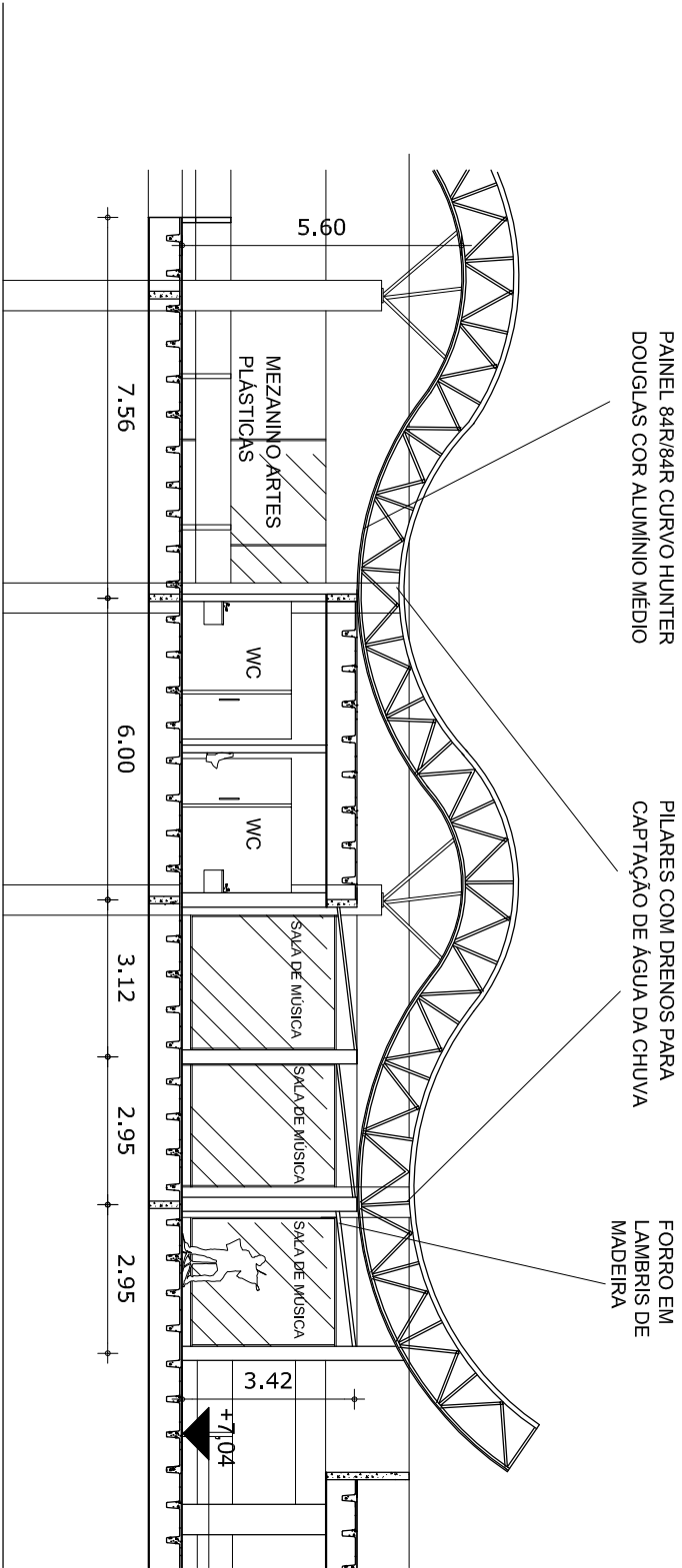
2 CORTE DD'
2 ESCALA 1/200



1 CORTE FF'

1 ESCALA

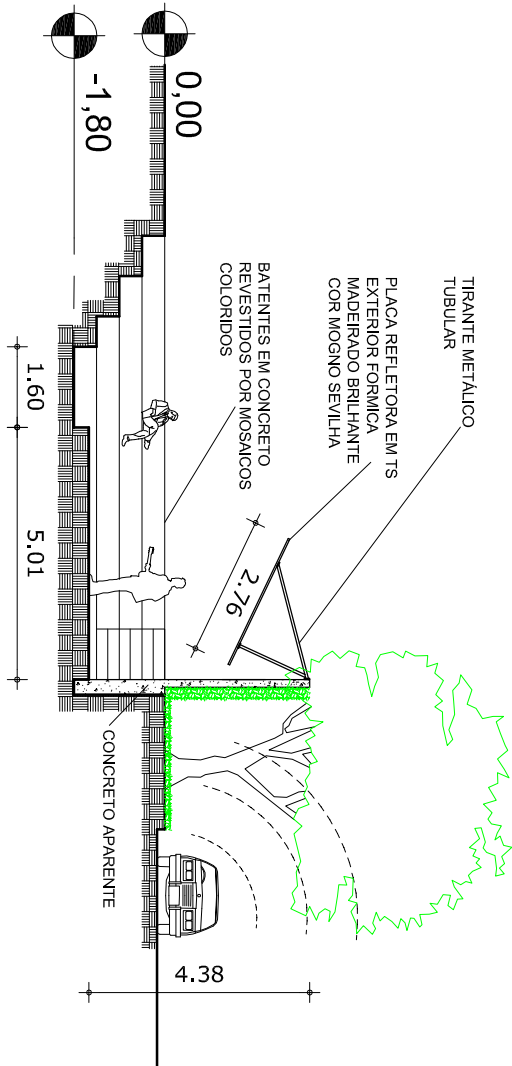
1/150



2 CORTE EE'

2 ESCALA

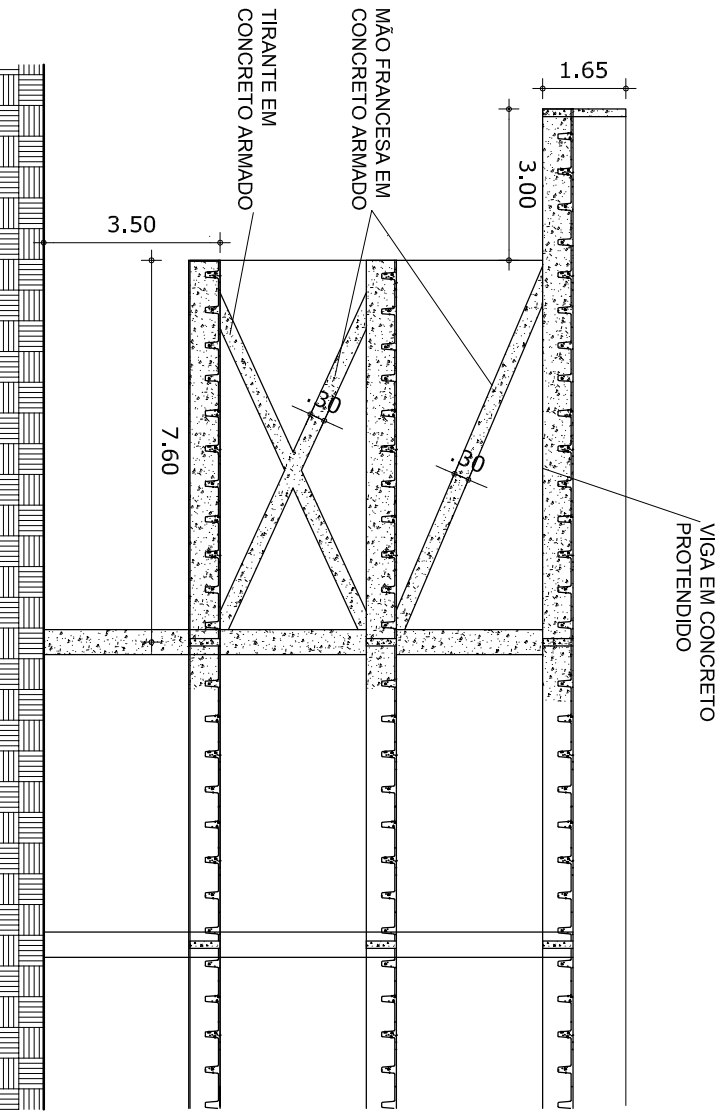
1/150



3 CORTE GG'

3 ESCALA

1/150



4 CORTE HH'

4 ESCALA

1/150

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

ESCOLA FUTURO DAS ARTES (Praia do Futuro, Fortaleza, CE)

Aluna: Nekita Monteiro Farias

Orientador: Paulo Costa Neto

Conteúdo

Data

Prancha

Corte EE'

Outubro, 2012.

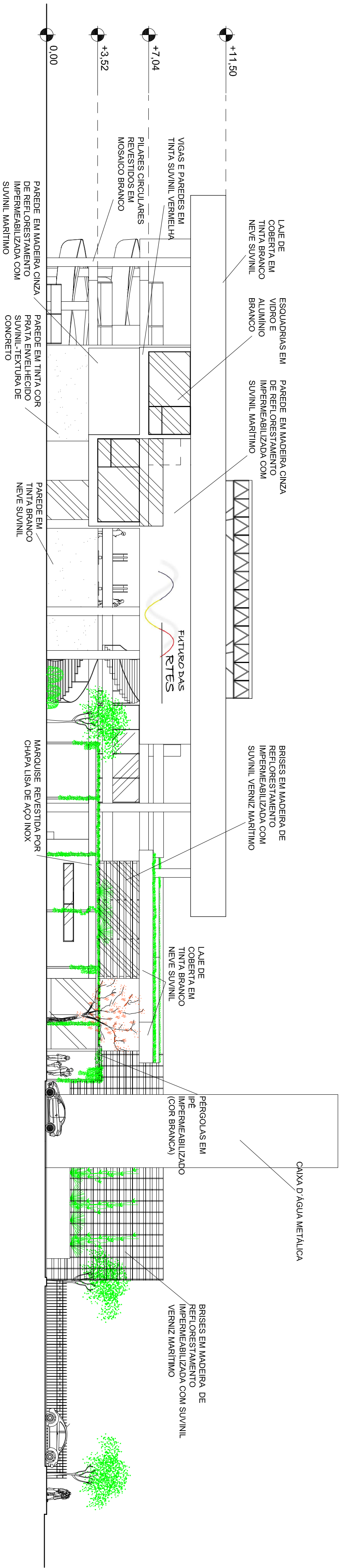
Corte FF'

Escala

Corte GG'

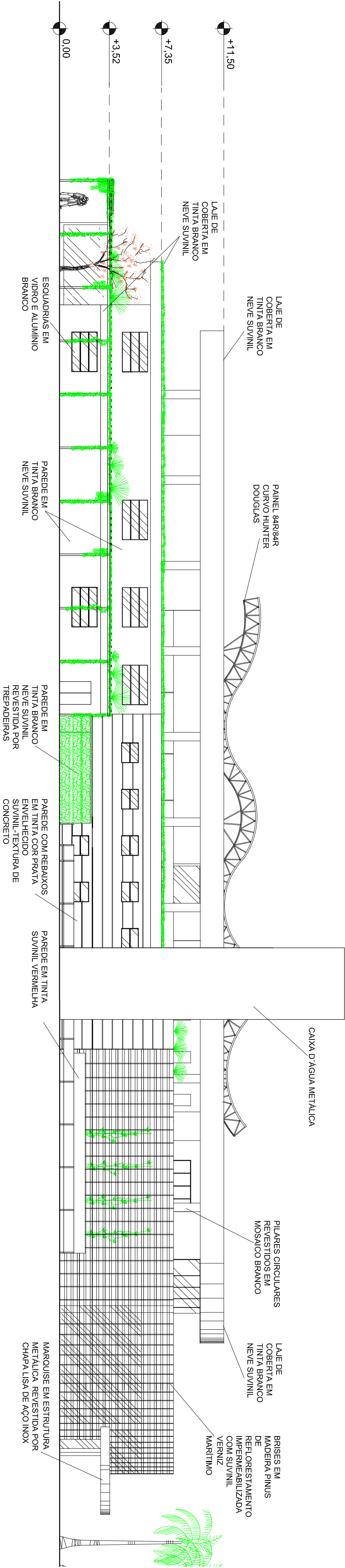
Indicada

08/10



1 FACHADA SUDOESTE

1/200



2 FACHADA SUDESTE

1/200

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

ESCOLA FUTURO DAS ARTES (Praia do Futuro, Fortaleza, CE)

Aluna: Nekita Monteiro Farias

Orientador: Paulo Costa Neto

Conteúdo

Fachada Sudoeste

Fachada Sudeste

Data

Outubro, 2012.

Prancha

Escala

Indicada

09/10

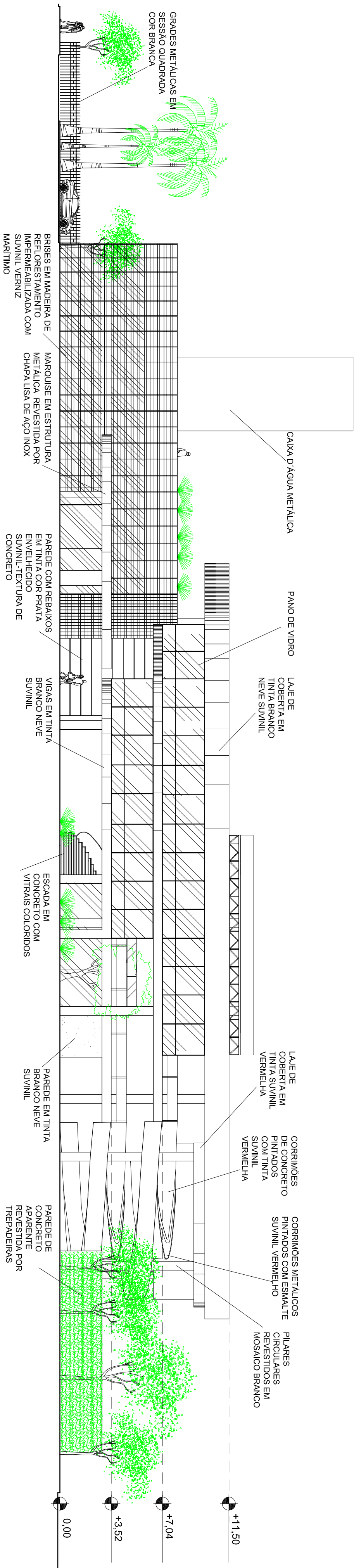


FACHADA NOROESTE

1 ESCALA 1/200

FACHADA NORDESTE

2 ESCALA 1/200



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Trabalho Final de Graduação

ESCOLA FUTURO DAS ARTES (Praia do Futuro, Fortaleza, CE)

Aluna: Nekita Monteiro Farias

Conteúdo

Fachada Noroeste
Fachada Nordeste

Orientador: Paulo Costa Neto

Data

Outubro, 2012.

Prancha

Escala

Indicada

10 / 10